



**INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA**

Francisco Vítor Macedo Pereira

**ÉTICA E ANCESTRALIDADE EM EXU:
um *ensaio-ebó*, ou *ebó-ensaio*, de desagravo e descarrego epistêmico**

**ACARAPE/CE
Dezembro de 2023**



INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Francisco Vítor Macedo Pereira

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de ensaio monográfico, apresentado à Banca Examinadora como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. Patrício Carneiro Araújo

ACARAPE/CE
Dezembro de 2023

Francisco Vítor Macedo Pereira

**ÉTICA E ANCESTRALIDADE EM EXU:
um *ensaio-ebó*, ou *ebó-ensaio*, de desagravo e descarrego epistêmico**

Aprovado em 04/12/2023

Nota: 10,0 (dez)

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Prof. Dr. **Patrício Carneiro Araújo** (Orientador)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira
(UNILAB)

Prof. Dr. **Rafael Antunes Almeida** (Examinador Interno)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira
(UNILAB)

Prof. Dr. **João Emiliano Fortaleza de Aquino** (Examinador Externo)
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

SUMÁRIO

Introdução: abrindo a Gira. <i>Quem é de Boa Noite, boa noite. Quem é de a Benção, a benção</i>	05
1. <i>Minhas Irmãs, meus Irmãos, vamos firmar ponto para Ebò de Exu</i>	07
2. <i>Exu is not satan</i>	14
3. <i>Desde que o mundo é mundo, Eu e Você (você e eu, indo e voltando) somos todes Exu</i>	20
4. <i>Da nata do lixo, do luxo da aldeia... teral, terreno... de onde vêm Exu, essa sua fama e essa sua fome?</i>	26
5. <i>Nem ordeiro nem caótico. No princípio era Exu, um Corpo Negro</i>	30
6. <i>Só mesmo na Malandragem</i>	34
7. <i>Pintando com tinta-sangue outra Ética</i>	37
8. <i>Exu nos educa para fora da casinha</i>	39
9. <i>Um descarrego filosófico-epistêmico com Exu</i>	43
10. <i>Ô, marmota! Você de novo, satanás?</i>	48
11. <i>Exu nas Escolas! E também na psicologia e na quebrada da UNILAB</i>	50
Conclusão. <i>Exu te ama! Fechando a Gira com o Amor (ou com o Fuá) de Exu</i>	56
Referências bibliográficas.....	61

ÉTICA E ANCESTRALIDADE EM EXU: um *ensaio-ebó*, ou *ebó-ensaio*, de desagravo e descarrego epistêmico ¹.

Francisco Vítor Macedo Pereira ²

Resumo

Ao longo dos anos, constata-se na sociedade brasileira, na formação de suas instituições, de suas práticas políticas e educacionais, a associação da imagem do Orixá Exu a uma figura satânica, ao diabo cristão. Satanizar a figura de Exu é um problema social brasileiro e, ao mesmo tempo, um sintoma de negação ético-ontológica da própria existência do povo brasileiro. Estereotipar a imagem de Exu como uma entidade do mal é, por inúmeros motivos, um grande equívoco. Exu é uma entidade que precisa estar nas escolas e ser estudado também, porque é Ele que movimenta o conhecimento, ou que faz os saberes serem transportados entre professores/as e alunos/as, ou entre alunos/as e professores/as. Exu é o conhecimento que abre caminho para todos os saberes africanos e afro-brasileiros que foram negados pelo racismo epistêmico ou pela colonialidade branca. Exu é, assim, um educador que transforma a aprendizagem em prática de solidariedade, acolhimento, respeito, valorização e reconhecimento de diversos saberes e sentimentos humanos. Portanto, Exu deve fazer do chão da escola o assentamento de seus saberes ancestrais e das mudanças curriculares para o nosso ensino. Descolonizar o nosso currículo é, afinal, necessário e urgente, e Exu pode ajudar, porque Ele é o Orixá mensageiro, que abre os caminhos, ajuda a evitar as dificuldades e confusões enfrentadas: para que nenhum mal possa acontecer ou atrapalhar os nossos caminhos e as nossas vidas. Exu é quem nos confere esse ímpeto de querer sempre aprender, de nos renovarmos, reinventarmos e de nunca nos submetermos passivamente a nenhum tipo de cativeiro.

Palavras-chave: Exu; descolonização epistêmica; ética e ancestralidade.

Abstract

Over the years, Brazilian society has seen, in the formation of its institutions, its political and educational practices, the association of the image of the Orixá Exu with a satanic figure, the Christian devil. Satanizing the figure of Exu is a Brazilian social problem and, at the same time, a symptom of ethical-ontological denial of Brazilian people's own existence. Stereotyping the image of Exu as an evil entity is, for so many

¹ Este ensaio-ebó (ou ebó-ensaio) consiste em um trabalho prévia e originalmente preparado como uma aula/palestra, conferida no Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, junto às/aos discentes da disciplina de Fundamentos da Ética, da Professora Dra. Rita Helena Gomes, aos 21 dias do mês de janeiro do ano de 2021. Na oportunidade, a exposição se propôs à abordagem de uma possível *Filosofia de Exu e da Ancestralidade*. Agora, na forma de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), este escrito (ensaio-ebó ou ebó-ensaio) é submetido ao Colegiado do Curso de Bacharelado em Antropologia, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como condição parcial para a obtenção do título de Bacharel em Antropologia.

² Estudante concluinte do Curso de Bacharelado em Antropologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira/UNILAB. Matrícula: 2019101351.

reasons, a huge mistake. Exu is an entity that needs to be in schools and also be studied, because it is He who moves knowledge, or who makes knowledge be transported between teachers and students, or between students and teachers. Exu is the knowledge that opens the way for all African and Afro-Brazilian knowledge that was denied by epistemic racism or white coloniality beyond us. Exu is, therefore, an educator who transforms learning into a practice of solidarity, acceptance, respect, appreciation and recognition of diverse human knowledge and feelings. Therefore, Exu must make the school floor the foundation of His ancestral knowledge and curricular changes for our teaching. Decolonizing our curriculum is, after all, necessary and urgent, and Exu can help us, because He is the messenger Orixá, who opens the paths, helps to avoid the difficulties and confusion faced: so that no harm can happen or hinder our paths and our lives. Exu is the one who gives us this drive to always want to learn, to renew and reinvent ourselves and to never submit passively to any type of captivity.

Keywords: Exu; epistemic decolonization; ethics and ancestry.

Introdução. Abrindo a Gira

Quem é de Boa Noite, boa noite. Quem é de a Benção, a benção.

Exu, Senhor da Comunicação, peço-Lhe que não me permita criar ilusões nem falsidades para a minha Vida. Ao final, prestarei contas aos Pés do Sagrado!

Odàbó!

O propósito aqui é o de compartilhar algumas reflexões sobre filosofia da ancestralidade, sobre saberes tradicionais africanos, afro-indígenas e afro-brasileiros, aos quais, enfim, eu tive de me dedicar numa espécie de redesenho ou ressignificação do que seria uma trajetória de compreensão acerca da filosofia no contexto da Unilab.

De fato, a Unilab é uma autêntica encruzilhada, à qual converge uma diversidade muito grande de pessoas, culturas, línguas e saberes tradicionais... de matrizes africanas, afro-indígenas, afro-brasileiras, afro-diaspóricas dentre outras. Ali, na condição de se discutir filosofia, se dá uma espécie de compunção à aproximação, não só como quem exerce uma curiosidade, mas como alguém que assume o dever, com respeito e reconhecimento, de abrir passagem ao encantamento, a tudo o que parece, de início, ser o *diferente*, mas que, na verdade, refunde à constatação de muita confluência e, paradoxalmente, de negação em torno daquilo que se encontra e do que se perde de si confusamente como *alteridade*.

Quando acontece a aproximação sem tantas reservas nem prevenções, quando se tiram os véus, os quais a própria filosofia sugere haver diante da diversidade, pode-se abrir mão um pouco dos conceitos, das análises, do pensamento que opera distanciamentos e ceder, assim, mais à necessidade de aproximação com base no encantamento do próprio corpo, seduzidos/as por uma questão energética mesmo, diante do que parece ou antes parecia ser algo insólito.

Quando se firma e se assenta a decisão por se aproximar, pode acontecer o encantamento e, enfim, a alma, a gente mesma/o é então chamada e galhardamente trazida para o que antes parecia ser uma novidade, mas que hoje pode proporcionar um sentido o qual, até ali, fazia tanta falta, mas do qual sequer antes se dava fé.

Entende-se, portanto, que transitamos num ambiente favorável a pensar outras epistemologias e ontologias, como nos parece ser uma filosofia exuística, nos moldes do que sugerimos aqui. Aqui não nos referimos apenas a alegorias relativas a liturgias ou comemorações festivas que possam dar conta dessa diversidade. Homenagens sem culto, sem libação, sem oferendas e sem memória também são vazias, exteriores e, no íntimo, desrespeitosas. Trata-se antes da busca do sentimento profundo e do entendimento sincero sobre a dimensão da/o outra/o, do que é diverso/a também em nós.

1. *Minhas Irmãs, meus Irmãos, vamos firmar ponto para Ebò de Exu*

Pois bem, eu gostaria de iniciar a proposta do diálogo aqui conversando um pouco sobre Exu, sobre os saberes das encruzilhadas e, de início, a gente já teria que apresentar Exu, porque Exu não se esconde diante do segredo e do mistério, dos quais tiveram de se acobertar todas as tradições de matrizes religiosas africanas e afro-brasileiras ante as perseguições racistas de nossa sociedade.

Exu sempre se apresentou na linha de frente, rompendo como um, digamos assim, *totem civilizacional*, todas as idiossincrasias, tabus, quizilas e impedimentos racistas que negaram e têm negado vida e liberdade às/aos africanas/os e à sua diáspora mundo afora.

Exu é sempre Alguém que se mostra e que se levanta - impiedosa e galhardamente - contra todas as situações e dimensões de racismos, explorações e ameaças de violências, investidas em desfavor das/os marginalizadas/os e oprimidas/os.

Então Exu não se esconde. Ele se apresenta como agente em busca de contínuo ajuste e transformação. Nós vamos começar pedindo licença às/aos Mais Velhas/os, às/aos que nos antecederam, tentando aqui trazer um pouco da compreensão, para as/os que não conhecem, sobre Quem ou que Força, ou ainda que tipo de energia ou arquétipo, nos remetem à compreensão e ao sentimento de Exu.

A palavra Exu (*Èṣù*) em yorubá, mais especificamente em sua raiz (a)nagô, significa esfera, rotação, circulação. Podemos entender Exu, na dinâmica das narrativas de tradições iorubanas, como o embaixador, entre nós aqui, das religiões de matrizes africanas no Brasil e, portanto, de todas as heranças civilizacionais e de todos os marcadores ancestrais e subjetivos das africanidades, dos valores, dos comportamentos de vida relativos à sagacidade e à presença africanas entre nós.

Exu se projeta na distinção do respeito, do reconhecimento, da sabedoria das/os Mais Velhas/os e da circularidade, encerrando uma percepção cósmica de proximidade também quanto à igualdade como prática política comunitária, em que as relações todas se dão e se abrem de maneira horizontal, sendo igualmente circulares e implicitamente heterárquicas.

Na intimidade disso, Exu responde também pela alacridade de celebração da vida, pela saciedade e satisfação diante do que a vida nos oferece. Ele promove o entendimento de que a vida, toda ela, assume sentido, não a partir de reflexões individuais, mas com base em experiências comunitárias e multitudinais, as quais têm de ser ritualizadas, libadas, comemoradas ou lembradas enquanto se come, se bebe e se dança, necessariamente para que todo ritual de celebração de vida deflagre e dissemine energias inaugurais, no que sirvam à manutenção e à renovação da existência de todos/as.

Portanto, Exu, Ele mesmo, é um princípio ético, que se insere em todos os modos e saberes tradicionais africanos que têm a ver com *ubuntu*, do qual talvez parte significativa da população brasileira já tenha ouvido falar, e que significa exatamente a condição de se ser e de se estar no mundo necessariamente em meio à presença e à constância do/a outro/a, como horizonte vivo de realização ética pessoal e comunitária.

Na prática, Exu se divisa precisamente na condição *de eu me tornar a/o outro/a*, de eu me fundir no/a outro/a como meu/minha Ancestral, e também naquele/a que, em mim e além de mim, virá depois de mim, no limiar do ontem que se inicia hoje.

Decerto que esses elos comunitários de celebração da vida, em ritual, deflagração, renovação e manutenção da energia fontal em comunidade, não têm nada a

ver com os paradigmas ocidentais de individualismo, separação, segregação e distinção hierárquica.

Antes, ao contrário, esses elos nos remetem ao convívio harmonioso com a natureza, entendida também *como o todo* do qual fazem parte, do qual necessitam as vidas de todas as existências e entidades, sustentando-se mutuamente entre os mundos dos/as vivos/as e dos/as defuntos/as, na presença de todas as forças e divindades que nos remetem ao culto e à inscrição da Ancestralidade nos valores e marcadores relativos à corporeidade, à dança e à religiosidade afroreferenciadas.

O corpo negro é, no assentamento desses elos, o primeiro oráculo e santuário de Exu. Aprender a filosofia desse corpo ancestral, na dinamicidade, na encruzilhada de todos os desafios e possibilidades, no bojo dos quais foi formada a sociedade brasileira, implica em ir além daquilo que os filtros epistemológicos do racismo nos permitiram convencionar ordinariamente como representação da negritude, notadamente no que se refere aos aspectos reduzidos e fetichizados de suas danças, crenças e religiosidades.

De fato, em suas melhores intenções, mesmo a atual concepção educacional em atendimento à determinação da Lei nº 10.639/03 confere muita ênfase à imagem da corporeidade negra e de sua religiosidade como fetiche ou excentricidade, no sentido de algo exótico ou pitoresco.

A contrassenso disso, nessa dinâmica da presença africana de transposição forçada, de uma base de cinco a seis milhões de africanos/as de diversas etnias que para cá foram trazidos/as durante três séculos com a escravização transatlântica, Exu representa exatamente a força do ímpeto que seguiu e que segue alimentando o corpo negro na raiz de nossa formação, pois ele é o senhor do corpo.

Bará é outro nome que se confere a Exu nas etnias jeje, fon. Ou ainda *Elegbara*, *Elebará*, que igualmente significa *o senhor do corpo e das trocas*. É Ele, portanto, essa força, essa intermediação que serve à insistência incansável dos fluxos, à tradição e à entrega das mensagens e dos sentidos, às encomendas e às trocas vitais para os/as Mais Velhos/as.

Ele é herança múltipla, que assume a sua principal dimensão, para nós, na ideia e na movimentação de expansão de todo princípio vital, para manutenção da vida dentro dessas culturas de tradição, principalmente, iorubana; conforme se reconhece nas expressões do Candomblé, nas diferentes nações do Candomblé, e também na Umbanda, nas suas mais amplas variações aqui no território brasileiro, ministrando e dispensando o que é chamado de *axé*, que significa precisamente força vital, energia

criadora, que é a energia da qual tudo se origina, em meio à qual tudo se desenvolve, se renova e tudo se expande.

Uma energia, uma força que está, por isso mesmo, presente em tudo, na natureza, nas relações humanas, nos animais, nas plantas, nos alimentos, enfim, em toda a expressão da vida está presente o *axé*: a energia vital a qual as religiões de matrizes africanas, afro-brasileiras e afro-indígenas nos ensinam a manipular, de modo a que as nossas forças, as forças do corpo possam ser mantidas, convenientemente acumuladas e oportunamente deflagradas, de modo a que se recobre o ímpeto e a vitalidade diante de rituais e celebrações significativos.

Esse é o propósito da celebração dos rituais das religiões de matrizes africanas, afro-indígenas e afro-brasileiras, manipular com equilíbrio a força do *axé*. Portanto, Exu representa exatamente o índice, a potenciação dessa força, de expansão, desenvolvimento e movimento da vida, de tudo o que se inicia e do que se encerra. Daí o seu nome remeter a circularidade, esfera, rotação.

Essa divindade iorubana, que às vezes então opera travessuras, nos arroja aos limites, nos remetendo precisamente a situações de teste, em revolução de nossas intenções, com o intuito de que possamos sempre nos redimensionar, reinventar e recomeçar. Por isso Exu parece e de fato pode, às vezes, nos pregar peças, nos demovendo de presunções e prevenções estagnantes. Por isso é necessário sempre, entre aspas, se checar, verificar e se certificar sobre quais são mesmo as nossas, digamos assim, sinceras intenções, quais são, para além de nossas preferências e opiniões, as nossas verdadeiras disposições: a fim de que realizemos como ato aquilo que de fato nos confira força, verdade e constância, conforme uma presença total, em dedicação máxima ao que merecem nossa vida e devoção.

Exu exige de nós uma presença de fato total. Quando algo não passa no teste de Exu, Ele nos exige uma atualização. É essa a dimensão arquetípica de Exu ou mesmo a energia que Ele representa em termos ritualísticos e litúrgicos, das práticas de religiões de matrizes africanas e afro-brasileiras, que O remete exatamente a essa dimensão de fertilidade da vida, de criação e de manutenção da energia vital em nossos corpos.

Novamente por isso Ele tem a ver com movimento, com ímpeto e transformação, tanto quanto com capacidade de comunicação. Exu se presentifica, se firma, se faz presente nas encruzilhadas da vida, sendo o responsável pela comunicação de todos/as os/as Orixás. “(...) a encruzilhada como domínio e potência de Exu é

caracterizada de forma ambivalente, por ser ao mesmo tempo dúvida e possibilidade” (RUFINO, 2016, p. 04).

Em sua multiplicidade, Exu estabelece a comunicação entre diferentes mundos ancestrais e etapas da vida, tornando-se Ele mesmo o mais potente difusor de diversos saberes (multissaberes) e de seus segredos, abrindo-se qual espaço multiverso de trocas, conhecimentos e vivências autorizadas no mundo.

Exu apresenta-se, também na arte e na multivocalidade comunicativa, como o senhor das senhas, dos acessos, dos passos e de sua (in)definição - na sua proximidade-distância, na hesitação e na surpresa/suspensão/encantamento que imprime à vontade, à liberdade e à sabedoria do/as que chegam e dos/as que partem em toda e qualquer resolução -, sendo Ele o próprio dínamo da passagem circular, do ímpeto criativo-tecnológico à inovação e à renovação constantes.

A imagem e o domínio da encruzilhada nos remetem então à compreensão do (re)encontro de diversos caminhos que vêm e que voltam de diferentes gerações, resultados de muitas origens e percursos vitais, sintetizados vertiginosamente na ação de Exu.

Muitos/as brasileiros/as reconhecem algumas das representações de Exu, por exemplo, como um porteiro, um mensageiro, um viajante ou um hábil negociante, enfim, de fato Ele é isso. Ele é tudo isso. Ele representa essa possibilidade de ligação, comunicação e passagem entre diferentes mundos, dimensões e realidades, entre distintos componentes e gradientes da vida.

Ele estabelece essa relação, também, como dito acima, entre quem está vivo e as/os que lhes antecederam, que são as/os defuntos/as Ancestrais. Ele agencia e promove então toda essa possibilidade de abertura, em rompimento às barreiras que impedem o trânsito e a comunicação entre os diferentes mundos e dimensões. Nesse sentido, Exu sempre está e estará no *front*. Ele é sempre a força primeira, a tecnologia de ponta, que aparece originalmente e que se arroja, junto a Ogum, iniciando, desbravando, abrindo e conferindo a possibilidade, o acesso e a marcha, a fim de que se imprima um novo/velho caminho de maneira definitiva, com ânimo e com decisão.

É necessário, portanto, que Exu - em nos lançando junto a Ele - descerre o caminho, que Ele inaugure a passagem, desencadeando - junto aos corpos que se obstinam no/ao movimento - a sequência de todos os fluxos (que se seguem).

Nessas tradições religiosas e culturais de matrizes africanas, afro-indígenas e afro-brasileiras, nada se faz, portanto, sem Exu. Exu, para quem conhece um pouco da

mitologia, das narrativas mitológicas do Candomblé - e da Umbanda também - é o Orixá que primeiro é saudado. Apesar dEle ser o mais jovem de todos/as, Ele conseguiu romper, digamos assim, esse decanato entre os Orixás, e se fez o primeiro a comer, o primeiro a ser saudado.

Caso não se faça dessa forma, não se respeite a primazia de Exu, o caos, que significa o princípio do fim, jamais permitirá que se alcance uma nova condição de ordem, uma dimensão ou termo em que as coisas sucedam novamente a obter uma conclusão ou fim satisfatório.

Faz-se desse modo porque esse princípio criado e não criado, que é iniciador, precisa habitar no limiar, na inauguração de tudo o que se inicia, no *push button* (que é um interruptor/pulsador que conduz corrente de energia apenas quando pressionado).

No sentido certo de se ser compreendido/a e acolhido/a, para que se propiciem e se abram todas as condições, a fim de que *tudo* aconteça conforme o que se deseja e o que se almeja, é que se impulsiona/se e se é impulsionado/a orgiaca e agonicamente por Exu.

A despeito disso tudo que é dito aqui, o que prevalece entre nós sobre Exu, dado todo o racismo antinegro no qual a nossa formação cultural e estrutural está mergulhada, é uma série de histórias e compreensões completamente falsas e equivocadas.

Então, é verdade que nós provavelmente já tenhamos ouvido falar muito em Exu e até já tenhamos aprendido várias coisas *a seu respeito*, principalmente a partir da perspectiva reacionária e racista de outras religiões. É provável, no entanto, que esses sejam preceitos totalmente errados, falsos, não condizentes em nada com a realidade do que é ou de quem é Exu.

Isso porque o processo de colonização, ao qual o nosso país ainda segue submetido, expressa a condição de uma sociedade estruturalmente racista, odiosamente desigual, resultante historicamente do grande domínio patriarcal, da caricatura funcional de um povo horrendo, de uma suposta ascendência ibérica, bastarda, feia, católica, fedida e falida, que abjura a sua *outra* imagem negra e indígena e que odeia e renega a sua Ancestralidade originária.

Uma nação, a despeito de seu tamanho, reconhecidamente *menor* e desprestigiada no âmbito das relações internacionais, alijada de suas melhores possibilidades, encrustada no seio de um capitalismo periférico e racial, em meio ao qual se compadece: mediante a expropriação histórica de seu povo por uma elite brutalmente horrível e mesquinha, além de completamente alienada quanto à compreensão de sua destinação e de seu legado cultural próprio.

Nós estamos aí representados/as por índices que nos reduzem tipicamente à condição de profundas injustiças cognitivas, de mentecídios e epistemicídios, de uma basta e atrevida ignorância sobre nós mesmos/as, de assaltos materiais e simbólicos que sucessivamente nos rebotam a uma nota de pé de página na história universal do processo civilizador único, branco, cristão e ocidental e que nos deserdar de nossos melhores marcadores subjetivos e civilizacionais de africanidade e originariedade indígena.

O Brasil, que nunca foi um país para o seu povo, cuja *grandeza* consiste supinamente na humilhação e na indignação de sua pobreza, na sua subserviência *bem humorada* a todo o cânon alienígena, que sempre foi um gigantesco engenho de moer a carne de sua gente preta e indígena, apenas se distingue pela recalcitrância de sua economia e por expoentes de uma cultura que segue compreendida como *manifestação popular*, sem o compromisso histórico de alcançar qualquer emancipação real ou reconhecimento maior.

Isso então traduz a nossa condição histórica de país menor, *notavelmente* desimportante, que segue colonizado - nos mais diversos aspectos - para além dos fatores econômicos, políticos e sociais. Seguimos colonizados/as, culturalmente submetidos/as como mundo periférico, como aqueles/as que admitimos e gostamos de nos reconhecer em nossa mestiçagem, em nosso pano pardo de fundo, conforme o motivo mentiroso de nossa docilidade, o fulgor de nossa natureza exuberante, com seus faustos recursos, e deitadas/os sobre o berço de uma fundante democracia racial: tal qual purgatório missionário dos/as brancos/as, inferno impávido dos/as pretos/as e paraíso esplêndido das/os morenas/os e das/os mulatas/os em dias e noites de festa.

Seguimos, com efeito, sob a sombra da *benignidade* patriarcal escravista, somos - enquanto sociedade - produto vencido das apodrecidas relações da mestiçagem republicana, das relações interétnicas cuja democracia se detém nas paletas do colorismo, estabelecidas após a *liberalidade* do 13 de maio de 1888 e festejadas, a cada ano, no carnaval ou no *mês da consciência*.

Seguimos, de fato, submetidas/os à hegemonia ocidental, e o legado alvo dessa história única, desde a primeira chegada dos europeus, da invasão destes e da vinda dos/as africanos/as escravizados/as para cá, forjou para nós uma associação maldita, que na verdade é inexistente e que não tem o menor fundamento, *entre Exu e o diabo*.

Todos/as nós, enfim, que fomos criados/as nessa dimensão, sob o espectro de um cristianismo hegemônico, católico ou protestante, e que provavelmente fomos

apresentadas/os desde a nossa infância a essa correlação inopinada entre Exu e o diabo, aprendemos a odiar o pertencimento africano, a repudiar o que remetesse a nossa memória e Ancestralidade ao que não fosse imperterritamente branco.

No entanto, é imperativo reconhecermos que as religiões africanas, afro-indígenas e afro-brasileiras nem tinham e nem têm nenhuma divindade que corresponda a essa figura ou a essa representação do diabo cristão, judaico ou islâmico e, portanto, para a gente tentar dizer o que Exu é, temos que começar dizendo o que Exu não é.

2. *Exu is not satan*

Portanto, Exu não é o diabo. O que se tem, sim, à revelia disso, é a multiplicidade, a versatilidade performática e sincrética de Exu, que por si só se representa em inúmeras faces. Segundo escritos de segredos dos antigos axés da Bahia (SOARES, 2008, p. 28), Exu se apresentaria em pelo menos vinte e uma faces.

Para além de toda essa prodigalidade, Exu é *o que Ele quer ser* e se transforma de acordo com a necessidade das passagens que se lhe entrecruzam os caminhos (Exu é o *vira-mundo*), dos ambientes aonde Ele tem de adentrar e de onde ele tem se sair (entrar saindo e sair entrando), das línguas que Ele tem de falar (de trás *pra frente* e de frente *pra trás*, todas), dos costumes e hábitos que Ele tem de assumir ou endossar (todos os papéis cabem à atuação intensa de Exu, Exu é um coringa, um *trickster*) e, por certo, dos alimentos dos quais Ele tem de se nutrir (Exu é a boca que tudo come e tudo o que Exu come ele regorgita de volta em forma de axé). Além disso, Exu se agita sempre, Ele dá *os seus corres e tira de onde não tem e bota aonde não cabe*. Ao mesmo tempo, Ele tudo aprende. Pacientemente. Observando. Sem nada nunca a ninguém perguntar.

Isso também quer dizer que a sincretização do Orixá Exu, durante os processos de colonização aqui na América e na África, assumiu diferentes dimensões e aspectos. No Brasil associa-se Exu, via de regra, ao diabo, mas esses processos de sincretizações em outros países, como, por exemplo, Cuba (onde existe a expressão da *Santería*), vão fazer com que Ele assuma assimilações e hibridizações com o próprio Jesus Cristo.

E não é com o Jesus Cristo crucificado. É com o Jesus Cristo ressuscitado, redivivo. Aquele que, através do verbo, ou seja, da capacidade da palavra, do poder de deflagração da vida através da fala, *se fez homem, se fez carne e habitou no meio de nós*.

Aquele que subiu aos céus (Orum), foi ter com o Pai (Oxalá), intercedeu e negociou pela/em nome da humanidade e voltou a Terra (Ayè), para se deixar ver e tocar pelas mulheres (e pelos homens também).

Então, para a *Santería Cubana* essa é a representação exusíaca (no terra a terra) do que é o próprio Jesus Cristo. Porque Exu é o Orixá que, de fato, faz-se e mantém-se próximo à humanidade (*Ele está no meio de nós*). Exu convive com a humanidade, e dela tem compaixão, com ela se compraz. Exu ama a humanidade e se alimenta da vida e do pulsar dos corpos de homens e mulheres sobre esta terra. Ele conhece toda a dinâmica das necessidades dos corpos, Ele é o *Compadre*, o senhor do corpo, do bará. Aquele que moldou as vaginas das mulheres e os pênis dos homens e que os incita ao movimento e às trocas vitais.

Por isso, o Deus que se faz Vivo, homem nascido de mulher, e que se faz carne, dada como alimento à vida eterna da humanidade (eternamente intermediando o ciclo de renovação entre os/as vivos/as e os/as defuntos/as, como Medianeiro entre o Céu e a Terra), é, no sincretismo da *Santería Cubana*, ninguém menos que Exu: que não é senão o próprio Jesus Cristo redivivo.

Além dessa, nós temos ainda outras múltiplas sincretizações de Exu, nas mais diversas expressões das religiosidades de matrizes africanas, afro-indígenas e afro-brasileiras. Por exemplo, no sul do Brasil, na religião de Batuque, Exu é sincretizado com Santo Antônio, em alguns lugares na Bahia com São Benedito, em outros locais do nordeste até com São Pedro. Quais os possíveis significados dessas relações simbólicas?

Porque São Pedro também é porteiro, Ele detém as chaves, as senhas de entrada e de permissão, ou acesso, às diferentes dimensões. Então Exu é Aquele que permite ou não a passagem, e São Pedro também. Ele é Aquele que julga quem deve e/ou quem não deve passar, admitindo quem tem credenciais, ou não, para ingressar aonde quer que vá.

Com Santo Antônio por quê? Nós conhecemos da hagiografia de Santo Antônio a sua capacidade de estar em vários lugares ao mesmo tempo. O Santo casamenteiro é detentor de um dom chamado *ubiquidade*. Ora, essa capacidade de se fazer prontamente presente e, de maneira dinâmica e versátil, estar *de diversas formas em diversos lugares* ao mesmo tempo também é algo associado a Exu. Então existe esse sincretismo, essa correlação entre Exu e Santo Antônio. Sem falar que é Ele Aquele que junta ou separa *veste saia* com *veste calça* (ou *veste saia* com *veste saia* e *veste calça* com *veste calça*). Para Exu, a fila sempre anda. Ou melhor, gira! Variar é sempre bom e se apegar é *bobagem!*

Já São Benedito é um Santo Preto, responsável por levar e por trazer da terra a falange de Pretas/os Velhas/os Benditos/as, os/as carreteiros/as de Oxalá. Ora, Exu é o senhor do corpo negro e de sua potência vivaz. É, como São Benedito, Aquele que, por excelência, carrega, conduz, transporta, transfunde, leva e traz tudo o que lhe encomendam, entre os céus e a terra, Oxalá e as/os demais Orixás.

Isso é só para ilustrar um pouco que o que recebemos desse sincretismo hegemônico e negativo do cristianismo no Brasil - sobretudo das mais recentes levas de denominações neopentecostais - não condiz em nada com a realidade ou com o arquétipo do que é o Orixá, do que é a divindade de Exu.

Porque Exu é um Deus iorubano e, portanto, a associação mentirosa Dele ao diabo atende aos interesses da colonização, da dominação ocidental e da necessidade de apagamento, invisibilização, destruição simbólica e material dos cultos e operações mágico-religiosas de origem e ascendência civilizacional africana.

Toda essa operação nefasta, que insiste em dizer que Exu é o diabo, não passa de odioso racismo religioso e vitupério. Vileza e deturpação que pretende anular a compreensão ancestral e a prática sagrada do sentimento em torno da crença e do culto a Exu.

Essas investidas, de minazes, de mentiras insistências, desprezam o entendimento de Exu, digamos assim, como um Ministro das energias por Ele manipuladas e cosmicamente movimentadas; como um Demiurgo, que entre os diferentes mundos e realidades, entre a humanidade, a natureza e o Reino dos/as demais Orixás impele, do *odurudu* (indefinição do caos) à ordem, tudo aquilo que no tempo e no espaço (*ojó* e *onilé*) mundanos se (re)forma, (re)inicia, se sucede e se renova.

Certeiro, tenaz e infinitamente paciente, Exu é (*pior ou melhor* do que a precisão) o artesão divino, ou o princípio organizador e zeloso, de tudo o que assume forma e se anima no mundo. Ele é Aquele que, sem criar de fato a realidade, modela e organiza a matéria caótica preexistente, através da imitação dos princípios eternos e perfeitos aprendidos diretamente da oficina de Oxalá.

Atualmente, é importante fazer nota de um movimento mundial em defesa do culto a Exu, contra todo esse racismo religioso impregnado em nossa formação e propagado, principalmente, pelo cristianismo e também pelo islamismo ³.

Sabe-se que o islamismo em África praticamente divide a população com o cristianismo, incidindo em todos os casos (mais ou menos) a presença e a interferência

³ Cf. <https://alamojayoruba.com/esu-is-not-satan-who-esu-is-and-who-he-is-not/>. Acesso em: 18. Jan. 2021.

(muito vivas) das práticas e dos mais diversos elementos de culto, oriundos e/ou remanescentes das religiões étnicas tradicionais (genericamente classificadas como *animistas*).

Hoje, são cerca de 550 milhões de pessoas que, em toda a África - sobretudo na África do Norte, além da África Subsaariana -, seguem o islamismo, e mais outras 500 milhões, aproximadamente, que se filiam ao cristianismo (SILVA, 2019, p. 51).

Presentemente, contudo, verifica-se um renascimento, um ressurgimento das religiões tradicionais africanas, que são chamadas pelos governos locais - como dissemos acima - de religiões *animistas*, mas que na verdade são tradições de saberes, ritos e cultos ancestrais antiquíssimos, e que remetem a esses aspectos todos aos quais chamei a atenção: a força manipulada em rituais e operações mágicas de acumulação e deflagração de energia vital (*asè*), o vínculo com a vida comunitária (*egbé*), o respeito à sabedoria das/os Mais Velhas/os (*agbà*), a ligação entre o Chão (*ile ayè*), a Cabeça (*ori*) e o/a Ancestral (*baba egun*), o reconhecimento das decisões/celebrações da comunidade e a valorização da circularidade e da alacridade (*idunu*) - que são atributos de Exu, e que implicam e exigem também o festejar e o comemorar a vida unitariamente, junto a tudo, todas e *todes*.

Pode-se dizer, enfim, que tudo isso encerra a compreensão ética de que *eu não existo somente como indivíduo*, de que eu não posso existir *apenas para mim*. Nesse sentido, a minha existência - toda existência, qualquer existência - não está condicionada a um destino ou a uma marca meramente individual.

O avantajamento disso, inversamente à vida e à sua preservação, corresponde à operacionalização da crise da cultura ocidental na formação de nossa subjetividade moderna, tal como um projeto de expansão do individualismo, de administração e contenção exclusivamente econômico-produtiva *dos riscos e dos desejos* e de desvinculação da humanidade e do mundo inteiro à rotação dos ciclos que os renovam e mantêm.

Uma cultura que, sem embargo, ora se debate e se estorcega - desesperada e ansiosa - em suas lânguidas e liberais tentativas de (inutilmente) redimir um ser maduramente mesquinho, consumista, egoísta, *portador de direitos* (a mais) e *democraticamente* devotado a destruir (sempre e cada vez *mais*).

Mesmo antes disso a que os/as sociólogos/as concebem como modernidade, a cultura ocidental cristã (medieval) conforma a nossa compreensão individual com base

na culpa, na acusação, na categoria de responsabilização, pecado, livramento, peso, falha e compulsão originais.

Para o mito fundante e inquisitorial cristão já viemos de forma errada e injustificável a este mundo, já nascemos aqui - como seres corporais e materiais - com a marca indelével de uma condenação apriorística - inscrita e selada na sujeira e no pecado de uma amaldiçoada Ancestralidade.

Sob o espectro cristão, o mundo, na melhor das hipóteses, é visto como um castigo, um *degredo para a alma*, cujo indulto nos pode ser conferido apenas como uma graça unilateral. A isso equivale dizer que o que quer que façamos, de bom ou de mau, não apaga a *nossa culpa*, não exime o nosso libelo. Malgrado quaisquer sacrifícios, nada lava ou *justifica* a nossa mancha original nem *nos livra* da pena de um mundo hostil. Não importa, só seremos absolvidos/as se Deus - Ele sozinho, em seu santo e misericordioso sacrifício - assim decidir pela nossa *salvação* (ou não).

Os sacrifícios humanamente prestados *não fazem nenhuma diferença aos desígnios desse Deus*, porque nunca serão suficientemente bons, tampouco estarão à *altura de sua pureza e exigência*. Haveremos então de tragicamente *nos desculpar por uma culpa e uma condenação inextinguíveis*, as quais nos são assim, de inopino, subitamente imputadas desde o nascimento, e das quais somente o arbítrio unilateral de um Deus universal (branco, patriarcal, entronado e todo-poderoso) haverá de por piedade nos livrar.

Por óbvio que o projeto cristão - que é o do sistema-mundo-moderno do capitalismo ocidental - atende a uma construção histórica de isolamento, pena, culpa e enfraquecimento da humanidade, de esvaziamento maquínico da vida comunitária e junto à natureza, assim como de destruição do mundo em favor da alienação da técnica e do fetiche das relações de produção e consumo de mercadorias.

Em uma espécie de compulsão mecânica, sem nenhum móvel nem alegria, somos então incoerentemente lançados/as - sem firmeza e sem memória, pelo esgar e o arrote da culpa original - para fora das encruzilhadas da vida.

Desde que desenterraram das roças os nossos umbigos, desde que fomos nós mesmas/os desentranhadas/os do assentamento de nossa encruzilhada ancestral, desaprendemos a observar *o Pai e a Mãe* e desenvolvemos uma marcha cortante - conforme a progressiva e vertiginosa promessa de uma *linha reta* -, mas não sabemos, não lembramos mais de onde viemos nem qual o nosso rumo.

Nossas narrativas se tornaram ecos sem mais encontros, testemunhos de fatos sem quaisquer origens. Fala-se desde então como se se falasse a si mesmo/a e sem que se tenha mais nada agradável a oferecer a nenhum Deus. Divindade nenhuma mais come ou dança conosco. A Cabeça é fraca (só calcula), o Coração uma máquina ultrapassada pelas revoluções do tempo (escravizado por uma vida que não lhe pertence) e os Pés estão (muito) cansados.

No eixo moderno das ordenadas e abscissas cartesianas (de redução, análise e separação), os nossos pontos - coordenados - não correspondem mais à possibilidade do assentamento liminar de nenhuma existência. No ato inaugural de nossas forças e possibilidades, ao invés de cultuarmos as nossas Cabeças, vilipendiamos a Ancestralidade afro-indígena a uma alteridade que não nos interessa, e passamos a pentear as perucas alheias.

Nessa modernidade, portanto, *não se caminha*, porque não há destino. Nas trilhas da alienação capitalístico-ocidental e cristã, os itinerários são - desde o século XVII - traçados por inteligência artificial. Não há pouso nem comida. Não se dá de beber, de comer e não se abriga nem mesmo a Jesus. Não se joga água fresca à passagem de ninguém. Não se joga búzio como prevenção às venturas ou agruras do percurso. Nem a Cabeça se firma mais para cima tampouco os pés se prendem mais ao chão. À toa, então, é-se apenas andarilho/a, e vaga-se, a esmo, em meio a exorbitante poluição, barulho e ruína deste mundo.

Voltarei mais adiante a esses aspectos da modernidade e sua alienação racista, citando uma pesquisa feita em psicologia, que constata que a maioria dos testes psicológicos - aproximadamente 85% das amostras de testes psicológicos - é aplicada somente sobre a população branca ocidental (MAIO, 2017, p. 139).

De antemão, o interessante é que essa pesquisa observa que alguns resultados e comportamentos - considerados por estes testes como *criativos*, *inteligentes* ou *egoístas* - divergem profundamente se os mesmos forem aplicados em indivíduos, grupos ou populações que se mantêm ainda em condições de vida mais próximas à natureza, às experiências comunitárias e familiares. Felizmente, existe esse movimento - hoje mundial - empenhado no combate a essa herança perversa do colonialismo, que associa Exu à figura de satã (AKINWUMI, 2020, p. 295).

Definitivamente, Exu é uma divindade africana originalmente cultuada no que a gente pode chamar de Iorubalândia, que é a região da costa ocidental africana que hoje corresponde ao Benin, ao Togo e, principalmente, à Nigéria, sendo também cultuado em

outras regiões do continente e por diversas etnias, como os jeje, os fon, só que com outros nomes.

Foi por maldade que essa entidade originariamente africana recebeu essa pecha, digamos assim, que não é Dele. Exu não é o diabo, Exu não tem nada a ver com satanás. Foi para ilustrar um pouco a compreensão sobre Exu, a sua multirreferencialidade, a sua diversidade e o poder motriz da impressão e da transformação vital exusíacas, além da liminaridade e da deflagração de energias em diferentes níveis sob o seu controle, que me propus refletir sobre a falácia que é relacionar Exu ao diabo.

3. Desde que o mundo é mundo, Eu e Você (você e eu, indo e voltando) somos todes Exu

Abaixo lhes apresento um poema do poeta, e também artista plástico, Mário Cravo Neto (CRAVO NETO, 2000), que ilustra bem essa multirreferencialidade de Exu. Mário Cravo Neto é pintor, escultor, bastante conhecido, tendo várias esculturas em espaços, em praças públicas da cidade de Salvador. Essa é a sua poesia, intitulada *Eu sou Exu*:

EU SOU EXU

Não sou preto, branco ou vermelho
 tenho as cores e as formas que quisier
 não sou o diabo nem santo
 sou Exu
 mando e desmando
 traço e risco
 faço e desfaço
 estou e não estou
 estou e não vou
 eu tiro e não dou
 eu sou Exu
 passo e cruzo
 traço, misturo e arrasto o pé
 sou rebuliço e alegria
 rodo, tiro e boto
 jogo e faço fé
 sou nuvem, vento e poeira
 quando quero, homem e mulher
 sou das praias e da maré
 ocupo todos os cantos

sou menino, avô, maluco até
 posso ser João, Maria ou José
 sou o ponto de cruzamento
 durmo acordado e ronco falando
 corro, grito e pulo
 faço filho assoviando
 sou a gente sem bandeira
 o espeto é o meu bastão
 o assento é o vento
 eu sou do mundo
 nem do campo nem da cidade
 não tenho idade
 recebo e respondo pelas pontas, pelos chifres da nação
 eu sou Exu
 sou agito, vida, ação
 sou os cornos da lua nova
 a barriga da lua cheia
 quer mais?
 eu não dou
 eu não estou nem mais aqui

(Mário Cravo Neto)

Esses versos, inicialmente, nos podem causar uma (in)certa confusão. Afinal, quem é mesmo *esse Exu*? Diante da *não-resposta* do próprio Exu ao imperativo cartesiano da redução identitária, poder-se-ia até desistir de falar *sobre* Exu, de pretender situá-Lo. Talvez seja mesmo prudente, desde logo, nem falar mais *sobre* esse Exu.

Mas Exu não se cala. Ele mesmo não para de falar nunca. E de plantar ainda mais dúvidas a seu respeito. A gente segue então, *cheio/a de dúvidas*, conversando *com* Exu. Dialogando com Exu, que é o *Pai do mundo*, é que a humanidade pode então ir aprendendo algumas coisas sobre ela mesma.

Segundo as tradições afro-religiosas, Exu destranca as palavras e o pensamento, estica a esperteza, faz a pessoa sentir-se mais inteligente, *nem que seja pra descobrir ou pra perceber depois que se é meio burro/a*.

Do ponto de vista da delimitação de um sujeito, atendendo a alguma posição ou atribuição específica no discurso, sobre o qual a gente possa exercer uma análise ou um juízo crítico, apontar uma prerrogativa, circunstanciar um predicativo ou individuar um marcador identitário, Ele nos escapa totalmente. Exu escapa. Ele nem está mais aqui, não está nem aí.

Ao arripio de qualquer convenção, Ele se abre antes (ou se esfuma) como a mais ampla indefinição. E isso nos causa estupefação, até certo encanto. Todavia, do ponto de vista *da lógica*, isso nos proporciona incômodo e incompreensão, certamente frustrando o afã de todo/a aquele/a que - pretensioso/a - acredite poder entender e/ou conhecer *Exu*.

É que não podemos situar, ontologicamente, um limite ou uma categoria à qual - de modo conveniente e convincente - Exu corresponda como ser. Exu não se dá (nem se tira) como algo ou alguém detido em uma essência, tampouco sintetizado em uma experiência fenomênica distinta.

Não haveria, aliás, um conceito para expressar ou uma ideia para definir Exu como um sujeito, muito menos como uma identidade, nem do ponto de vista conceitual nem na perspectiva de um discurso. Portanto, Exu seria mesmo essa confusão, essa indefinição *em si*.

Ele é, aliás, o que quer e como quer. *Quem mais quer* quer menos que Exu. Exu é homem e é mulher. Está em todos os lugares, em todos os cantos. Ele é menino. Na maré e mesmo no vento Ele se agita. Faz filho assobiando. É a barriga da lua cheia e os cornos da nação. Matou um pássaro ontem com uma pedra que só atirou hoje. Exu tem, enfim, um crédito infinito na praça do mundo. O tempo todo, Exu ama o mundo. Exu não foge ao mundo. Exu tem fome e come (todo) o mundo. Quem gira o mundo é Exu. Exu é tão velho quanto o mundo. Exu é Exu *desde que o mundo é mundo*.

Muitas e muitas histórias nos dão notícia sobre essa capacidade que Exu tem de *matar um pássaro ontem com uma pedra que só atirou hoje*. Vemos assim o desfile aparentemente insólito de uma série de narrativas e constatações que - formalmente - não cobram sentido lógico algum, nem sustentam nenhuma verossimilhança, mas que vêm de muito longe e que chegam até a nós no encontro com Exu. Não compromete em nada a inteligibilidade de nossa conversa *com* Exu nos acercarmos da distância do significado que (infinitamente) se abre à totalidade em expansão, nos aproximarmos dos perigos das metáforas *absurdas*, dos signos *sem fundos*.

A Exu não lhe incomodam as perguntas, porque não lhe interessam as respostas. A Exu lhe interessa antes *deslocar todas as perguntas* e pôr em evidência *o terceiro excluído das lógicas dicotômicas, dos controles duais*. Exu seria, assim, essa expressão *da mais absurda indefinição*, da confusão, *do ser e não-ser, do estar e ao mesmo tempo não-estar*. Ele não cabe em nenhum conceito (*não é ou isto ou aquilo*), Ele não se associa a nenhuma ideia bem disposta na cadeia de um discurso. Lá na borda, na última

linha de fuga, Exu rasga a franja do mundo e retoma o périplo de tudo o que - antes de ser - *já era*. Antes ou depois de tudo o que já estava, sem mais estar, *sem nem mais ter pra quê*, Exu *quebra a banca*. E de novo faz da periferia o centro do mundo.

Exu é essa aporia do tamanho do mundo. Ele é e não é, *é a própria liberdade de ser*, na iminência, no devir, no *vir a ser* da mais pura e livre indefinição. Ele mesmo é quem diz que, *quando acharem que estão entendendo alguma coisa a seu respeito*, já não estariam entendendo mais nada, porque Ele mesmo *nem estaria mais ali*, para explicar mais nada a quem quer que fosse, o que quer que seja.

Em sua multiplicidade dispersa, Exu não seria resolvido pela clareza distintiva da ideia cartesiana, isso porque Exu é *afirmação múltipla*, em dinâmico contraste ante todo aquele/a ou tudo aquilo que pretender dizê-Lo como *ser ou não ser*. Antes de qualquer pergunta (bem feita), e para além de qualquer possível resposta (satisfatória), Exu seguirá indefinidamente sendo (em si) Ele mesmo, o próprio Problema e a sua fome por novas reviravoltas.

É comum, quando se estuda Ética – principalmente quando se foca o contexto ético-político da Grécia Clássica a partir do pensamento de Sócrates, Platão, Heráclito e Parmênides - refletir sobre uma dimensão que a gente pode entender como *poética*, mas que tem a ver com a condição *do ser*, com o status *do ser*. Parmênides, por exemplo, é aquele pensador pré-socrático que vai dizer que *o ser é aquilo que é* ou, mais diretamente, que *o ser é o que o não-ser não é*; de modo que o *não-ser* não pode, não tem como ser (nem vir a ser) *o que só o ser é*, haja vista que o ser é aquilo ou aquele *que já é* (permanentemente).

Nisso é que consiste a *poiesis* (criação) do mundo como distinção e individuação ontológica. Ou seja, do mundo a partir do que *no ser imutavelmente se projeta*, se desvelam e se iluminam *invariavelmente* a vida e a existência inteiras. Não é dessa forma?

Daí vem Heráclito e um pouco que subverte isso do que foi dito por Parmênides, estabelecendo um contraditório a partir dessa noção de *permanência do ser*, dizendo que *sim*, que *o ser é e*, ao mesmo tempo, ele *não é*; na condição de que *o ser está sendo* na medida em que a sua existência acontece, mas que logo ele já não é mais (o que ele era, ou o que foi), porque incontinentemente ele se transformou. O ser, assim, se faz, se realiza e se consome necessariamente *sendo*.

Não vou aqui discutir ontologia. Me refiro a esses filósofos só para estabelecer uma analogia, fazer uma comparação, porque os fragmentos de seus ensinamentos

guardam muita semelhança com a dinâmica das múltiplas transformações *do ser e do vir a ser* em Exu (Ele mesmo O *Vira-ser*, O *Virado*, Aquele que se vira inteiro, rodando sobre os próprios pés, ante a iminência do que é decidido na reunião entre os - aparentemente - opostos elementos de que se compõe o mundo e *fazem-no ser como ele é*).

No fio tênue e borroso da existência, entre o consciente e o inconsciente, entre a vida e a morte, a vigília e o sono, Exu é - logo após a ignição, a explosão inicial da consciência - o primeiro rompante, o primeiro efeito motor que se recebe e que se percebe dos processos mentais - ainda sem formas definidas -, a plasmarem-se nos contornos e movimentos do mundo corporal em ação.

Após o ímpeto do qual advém o ser - que não sabe de onde vem nem aonde vai - Exu torna-se o seu Guia, o Agente do despacho (*da ativa e da passiva*) entre as orações e as fronteiras do aqui e do acolá, do aquém e do além. Isso quer dizer que, sem Exu, nada nem ninguém *vem a ser*, nem neste nem no outro mundo, isso porque simplesmente se perde antes de mesmo de tentar ou de ensaiar *a sua vontade de ser*.

Tal como *psicopompo*⁴ integrante das forças motoras e psíquicas, o Senhor do Corpo (que o anima, vivifica ou mortifica) transita - e faz-nos transitar - entre os limites dos mundos: rua e casa, fora e dentro, imanente e transcendente, pessoas (defuntas e vivas) e deuses/as (lembrados/as e esquecidos/as), céu e terra (Orum e Ayè), abaixo e acima, estabelecendo a ligação do mundo inteiro entre o divino e o humano, tornando-o um só, aproximando os seres em sua intimidade e/ou apartando-os como inimigos desde a eternidade.

Um dos arquétipos desse aporético ser de Exu, que se apresenta em todos os lugares, que assume o uso de todas as cores e de todas as formas, atualiza o espectro de sua própria variação (de tudo o que se torna possível *ao ser*) na condição em que Ele mesmo se faz, em que Ele mesmo se vira, em que Ele mesmo se torna - *sendo* - aquilo tudo que é possível *ao ser* ser.

Sabe-se, então, que Exu representa o uso de todas as cores. Sabe-se ainda que cada Orixá, na sua manifestação, na sua ligação ou regência sobre um elemento, uma força vital da natureza, assume o espectro, a dimensão de uma cor, além da agência específica sobre alguns fenômenos.

⁴ Psicopompo é uma palavra de origem grega, que surge da junção de *psyché* (alma) e *pompós* (guia), indicando alguém ou algo que possui a função de guiar. Cf. BALIEIRO, Cristina; KÜNSCH, Dimas A.; MENEZES, José E. de O.; LOBATO, Marcelo; MARTINEZ, Monica, 2015, p. 296. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/2430-Vers%C3%A3o%20original.-4678-4748-10-20151228.pdf>. Acessado em: 18 de jan. 2021.

Exu, que se comunica e que se integra com todos/as Eles/as (e que trabalha para todos/as Eles/as), transita entre todas as suas faixas, falanges, cores, energias e atividades, ainda que, via de regra, Ele seja sim representado nas suas festas por três cores básicas, as quais diferenciam e integram, ao mesmo tempo, três elementos: o preto, o vermelho e o branco, correspondentes às dimensões da terra, do fogo e do ar.

Essa mutabilidade de Exu, a sua capacidade de trânsito por todas as dimensões - de faixas e esferas concêntricas - habilitam-no, então, a *expansivamente* vestir todas as cores, a envergar todos os trajes, precisamente porque Ele penetra a/em todas as dimensões *como intérprete, tradutor, despachante e mensageiro*.

Por isso também Exu chega primeiro (Exu vem antes *de todos os acontecimentos*, sem ser a causa de nenhum deles). Em suma, é Ele quem intermedeia todos os contatos e propicia o desenrolar dos acontecimentos. Por chegar primeiro é que Exu se torna, pois, Aquele a quem, primeiro, se saúda, e se oferece de beber e de comer.

Afinal de contas, *primeiramente o Corpo*. Quem leva a Cabeça é o Corpo. Não se vai a lugar nenhum sem o Corpo. Sem o Corpo ou com um Corpo enfraquecido, a mente ou a alma só divagam, sem clareza nem certeza nem decisão, porque não assumem força nem assentamento nem firmeza no chão. *Só depois do Corpo*, é que sucede tudo o que - *com o Corpo* - torna-se possível.

Ao chegar a uma casa, a um/a viajante ou convidado/a o/a bom/boa anfitrião/ã cuida-lhe exordialmente o corpo, trata de que se alivie, de que se alimente e se refresque, a fim de que - somente depois de satisfatória e convenientemente acolhido/a - possa ele/a dar prosseguimento, com a Cabeça bem assentada, ao objetivo ou à finalidade de sua visita.

Na sua condição de viajante, como quem consegue acesso a todas as casas e lugares, Exu é Aquele que cosmopolitamente assume todas as cores, todas as formas, consegue falar todas as línguas, come de todas as comidas e conhece os padrões de todas as culturas, sabendo entrar e sair de todos os ambientes e situações. Exu deve ser muito bem recebido em todas as casas, se não haverá estagnação e ruína naquele lugar, ao invés de desenvolvimento e prosperidade.

4. Da nata do lixo, do luxo da aldeia... terral, terreno... de onde vêm Exu, essa sua fama e essa sua fome? ⁵

Então, eficiente e galhardamente, Exu é um totem civilizacional. Nessa sua condição cosmopolita, Ele entra e sai - intrépido e elegante, príncipe e mendigo, agitado e paciente - de todos os lugares, transitando - como está lá na poesia de Mário Cravo Neto - tanto como cidadão quanto como campesino. Ele consegue chegar, entrar e sair muito bem de todos os lugares, porque - conforme foi dito -, em sua mais ampla liminaridade, Exu é o Senhor do Corpo. Ou seja, está sempre na iminência de invariavelmente ser - tudo - *conforme a potência do Corpo* (que *tudo* pode!).

Na antropologia, liminaridade implica na qualidade de ambiguidade ou desorientação que acontece no transcurso de um rito de iniciação ou passagem, quando os/as participantes submetidos/as não se restringem mais ao mesmo status pré-ritual (não podem mais ser associados/as ao que eram antes de seu internamento no ritual), mas apenas começaram a transição para o status que ainda assumirão (somente quando o ritual estiver concluído e tenha sido bem sucedido) (DAMATTA, 2000).

Exu se apresenta, nem mais nem menos, sempre em meio a essa ambiguidade e aparente desorientação. O lugar de Exu é, enfim, entre as entradas e as saídas. Ele admite e imprime ordem ao movimento multitudinário da portaria entre os diferentes mundos. Na equilibração dos corpos de homens e mulheres, na resposta imune e eficaz dos organismos, Exu controla a fluidez de todos os orifícios, poros e interstícios, do mesmo modo em que - na *Encruza* - é Senhor e Guardiã de todos os caminhos, proporcionando as justas trocas entre o que entra e o que sai, entre o que chega e o que vai. O caos se encerra em todo ponto porque justa e precisamente, no romper das transições, *entre um lado e o outro*, chega ali Exu *pra prestar e tomar conta*.

Por isso, às vezes, Ele não é visto nem como adulto nem menino, nem como homem nem mulher, nem como pobre nem rico, ainda que esteja inteiramente dedicado e absolutamente concentrado *em seu ritual de passagem*. Só tem uma coisa que Exu não deixa jamais de ter, a sagacidade, e também a persistência, a alacridade e a inteligência dela advindas.

⁵ Da canção e composição *Terral* (1973), do álbum *Pessoal do Ceará*, do cantor e compositor cearense Ednardo. *No velho que nem apagado, no novo que nem espantado, com a mão que aperreia, batendo na porta... só pra aperriá... só pra aperriá... só pra aperriá... na nata do lixo, no luxo da aldeia, no redemoinho, no vento que espalha a vida, no farol que guia na quebrada da praia, luzindo na madrugada, nos braços, nos corpos suados, nos enganos mil da cabeça ariana e na terra despedaçada em pleno abril estão Exu, estão o Ceará. Laroyè!*

Por isso, Exu não desiste nunca. Ele *se abre* das dificuldades e solta *uma gaitada*. Ele sabe que não há nada maior nem melhor *no mundo* do que uma volta atrás da outra. Exu é um sobrevivente, que se supera sempre. É terra-a-terra, Ele é *rasgado*. *Diz na lata*, mas faz tudo *com incelença*. Não deixa *ponto sem nó*. Exu é faminto. Exu é um *retirante* (a terra que Lhe gera *não é capaz de Lhe suportar*). A diáspora de Exu é então o mundo inteiro. Ele aprende tudo, antes de todo mundo, *só pra comer logo* (na frente de todo mundo) *e ficar ali aperreando*. Exu é *esgalamido*. Exu é baixinho e cabeçudo. Exu é cearense ⁶. Muito dificilmente alguém vai passar Exu para trás.

Do que disso se segue, a liminaridade pode ser aqui também entendida como o estado ou o estágio em trânsito da compreensão de si mesmo/a, como devir *da potência ao ato*, ou ainda como ordem psicológica consciente e ao mesmo tempo inconsciente. Ou seja, correspondente àquela condição *de limite* entre dois estados diferentes e possíveis de existência, conforme o anúncio da capacidade de passagem, crescimento e transformação do ser em curso: àquilo que ainda não é, mas que - em si - *não é mais apenas devir*, fazendo-se, expandindo-se *porvir*, sem admitir mais retrocessos ou voltas atrás.

A liminaridade seria, portanto, uma condição transitória: na qual os/as sujeitos/as encontram-se destituídos/as de suas posições sociais anteriores, ocupando um entrelugar indefinido, em trânsito, em curso, no qual não é possível (ainda) categorizá-los/as plenamente (DAMATTA, 2000).

Exu representa essa liminaridade, essa possibilidade de ser e de (ainda/todavia) não ser, de estar e de não estar, Ele é homem e é mulher, Ele é doutor e ao mesmo tempo é malandro. Exu é como um dândi, que sempre escolhe viver a vida da maneira mais intensa possível.

Ante as infinitas possibilidades, Exu personifica a própria *metamorfose ambulante*, a liberdade (total) de se elaborar *esteta de si*, com a coragem (igualmente total) de se fazer *do que se quer* de modo intenso, belo, único e digno de se admirar:

⁶ Ao pensar Exu, às vezes brinco, na minha cabeça, como se o panteão iorubano fosse os estados nordestinos. Oxalufã, o Maranhão, Oxaguiã o Piauí, Oxossi seria potiguar, as Iabás todas da Bahia. Xangô, com certeza, seria de Pernambuco. Oxumaré, Alagoas, Ogum paraibano, as Ibejadas sergipanas e Exu só poderia mesmo ser do Ceará, encarnado na zanga de Seu Lunga, no atrevimento do Bode Ioiô, na sabedoria do Velho Conselheiro ou de Padim Ciço, na ligeireza dos pés de Iracema (Guardiã), na habilidade das mãos das rendeiras, na agilidade e na coragem do vaqueiro varando a caatinga, na afouteza da jangada arrebentando as ondas, no volteio das redes de dormir ou de pescar e principalmente na inteligência, no rebuliço, na cabeça grande, na molecagem, na galhofa, faceirice e gaiatice do *espilicute* povo do Ceará. Não seria à toa, então, que se diz que *cearense é o diabo*. Tal como Exu, tem cearense em todo canto *deste e de qualquer mundo* que se possa imaginar. *Aonde quer que você vá*, a qualquer lugar, *duas coisas são certas*: lá estarão *Exu* e um/a cearense *com fome e aperreando*.

como uma obra de arte. Desde que se tenha a disposição de se pagar - para isso - com o preço da própria existência.

O cinzel de Exu - que se esculpe a si mesmo - é o seu *ogó* (que representa o seu pênis e a sua capacidade de fertilizar *ao infinito* a vida ao mundo inteiro), mas é mesmo com a boca que Exu vai se alimentar e devorar o mundo todinho, que, aliás, cabe completo e invulnerado em sua cabaça (que representa os seus testículos, espargindo a semente de Exu onde quer que esteja a humanidade).

Exu, de fato, tem muita fome e também muita pressa, tal como Jesus, para vir ao nosso encontro, estar no meio de nós, tomar refeição conosco e fazer com que prontamente o mundo inteiro *se consuma em chamas* (Lucas, 12: 49)⁷. Ele quer sempre saber *o que se tem agora* para alimentá-lo. A fome de Exu não pode esperar. Não por outro motivo, a primeira porção de tudo o que se prepara no Candomblé e na Umbanda é em Sua intenção. É o chamado *padê de Exu*, por meio do qual se diz ao Senhor do Corpo o que se pretende, e pede-se a sua proteção e consentimento para seguir adiante.

Não é à toa, então, que a força de Exu está no Corpo (precisamente), haja vista que o Corpo é *essencialmente* movimento. O Corpo é dinamicidade, é usina de força que queima e transmuta energias para a realização de todos os processos vitais.

Também já foi dito que Exu é o Senhor das trocas. Ele é o Deus do mercado e também um educador chamado *Olòdjá*, que significa justamente *divindade das trocas, do progresso e da expansão*. *Olò* significa *senhor*, *djá* é *mercado*. Ele é o Senhor das trocas e do comércio, portanto.

Então, Exu é Aquele que vai à frente, ele fura, ele rompe as barreiras que se interpõem entre os sucessivos espaços e negocia conosco a possibilidade de cobrir todas as ofertas e apostas.

Ele pode ser considerado também, além de um negociante ou um jogador, também um herói civilizador, um desbravador; melhor dizendo, um instrumento da nobreza. Isso porque Exu também é um Rei - que detém o seu cetro, o seu bastão, que é chamado de *ogó*, e que é exatamente (conforme eu já disse) a representação de um falo. O seu Reino é a Encruzilhada, o *ponto zero* de toda caminhada. Os/as seus/suas súditos/as aqueles/as que agitam e movimentam os seus corpos na passagem sobre as rotações e os lances desta Terra.

⁷ Lucas 12: 49: “Eu vim para trazer fogo sobre a terra inteira e como tenho pressa e gostaria que já estivesse em chamas!” (DE ALMEIDA, 1964, p. 1089).

A esse falo, também como já me referi, corresponde o poder da fertilidade, da fecundação, da concepção inaugural. Então, nas narrativas originárias da tradição iorubana, Exu é Aquele que sempre esteve junto a Oxalá, sob a incumbência de Obatalá, para formar - no início - os primeiros corpos de homens e mulheres. Ele aprendeu tudo direitinho (ou esquerdinho) desde o princípio.

Desde o princípio, Ele está lá, na fabricação dos corpos, com o Pai Oxalá. Ele é Aquele que sempre aprende *sem fazer pergunta nenhuma*, aprende apenas observando. Dada a sua ubiquidade, a sua capacidade de movimentar e expandir todo o mundo material, Ele também maneja o poder *de tudo observar*. Mas *Ele mesmo* não intervém em nada. Ele só intervém quando é chamado.

No espaço, Ele materializa toda a condição da fluidez, do trânsito, da troca, do entendimento e do comércio que se anunciam necessários à circulação do mundo e de suas energias. Por isso, Ele é igualmente o Deus da cidade e da comunicação. Nessa condição de estabelecer a ordem no caos, que em iorubá é chamado de *odurudu* ou *rudurudu* (no Ceará, sem nenhum compromisso etimológico, podemos simplesmente entender como *rebu* ou *fuá*), Ele é exatamente a concretização da oportunidade ante a disposição à negociação, a fome ou o apetite ante a oportunidade de comer, o tesão, a explosão genésica no intercurso dos atos geracionais.

O que se tem de entender é o seguinte: não existem o cosmos, a ordem sem o caos, sem a confusão, sem a indefinição do começo. Um aspecto está intrínseco ao outro. Portanto, não existe a possibilidade de se imprimir ordem senão a partir de um caos inicial, senão a partir de um princípio iniciador que tem a sua inauguração, digamos assim, *no caos*, na indefinição, na expectativa à abertura, na possibilidade tensa do anúncio, na energia indefinida e a ser manipulada na criação e realização inédita. E Exu se apresenta lá, como pioneiro dessa condição liminar - aberta que nem a boca do mundo - em eufórico desbunde e inestimável transformação.

Portanto, Ele está essencialmente nos espaços da cidade, nas suas Encruzilhadas, no lançamento de suas invenções e novidades, na reedição dos modos e das modas, no tráfego frenético das vias, na abertura de diferentes possibilidades de rotas, nos (im)prováveis encontros e caminhos variados, desde onde Ele tudo vê, tudo percebe e antecipa.

Como eu já tinha dito, existem alguns símbolos e elementos especialmente associados a Exu, tanto ao seu culto quanto ao seu arquétipo. Para além do *ogó* (que é essa representação fálica de um bastão), que significa o poder viril da iniciação, da

(re)impressão - a partir do caos - a uma nova ordem, da força e resistência a irromper novos caminhos (transpondo as barreiras de energias contrárias, possibilitando o transporte entre diferentes dimensões e abrindo passo), existe também a cabaça (*agbà* ou *igbà*), adornando esse *ogó*, representando os testículos de Exu e a sua capacidade de se multiplicar, de procriar infinitamente e disseminar a sua existência e a do mundo enquanto houver *quem lhe dê de comer sobre a terra*.

Esse mesmo *ogó* é também enfeitado com os búzios do oráculo de *ifá*, o que quer dizer que Exu é dono e conhecedor de todos os caminhos (*odus*). É Ele quem se comunica quando se consulta o jogo de búzios, protegendo aqueles/as que convenientemente se preparam ante os percalços e dificuldades do percurso (tomando *ebó*⁸) e acertando contas com os/as incautos/as e imprevidentes, que tolamente acreditam poder chegar aonde pretendem apenas com a força de suas pernas.

Com o seu *ogó*, *Exu baixa o pau* na metafísica de todos os (bons) costumes ocidentais e patriarcais, deixando sob suspeição e em suspense todas as suas verdades - repletas de transcendência - e todos os seus valores *cheios de piedade*. Em sua cabaça, Exu guarda os seus segredos, as suas *mirongas*, os seus *itans*, as suas pedras e inumeráveis histórias. Por meio de seus búzios, Exu se comunica - altaneiro - com todas, todes e todos, e a Ele não lhe falta nunca o de beber e o de comer aonde quer que vá.

Nesse sentido, Exu significa o totem ou o marco civilizatório de matrizes africanas, afro-indígenas e afro-brasileiras. Não por outro motivo, a cultura ocidental hegemônica (colonizada por valores cristãos, capitalistas, racistas e patriarcais) o vê como uma ameaça, e o pinta com as cores do escândalo.

5. *Nem ordeiro nem caótico. No princípio era Exu, um Corpo Negro*

Veja-se também que a representação divina de um homem negro - em plena virilidade - assume, nesse contexto colonial e racista-emocionado, uma conotação erótica e ao mesmo tempo recalçada, se não espúria ou mesmo desbragadamente pornográfica. Não é difícil se deparar com a evidenciação disso nas dinâmicas dos

⁸ Grosso modo, *Ebó* significa oferenda, sacrifício ou troca de elementos com os/as Orixás. O principal objetivo do *ebó* é transformar ou equilibrar dificuldades, sejam na saúde, trabalho, família, amor, justiça ou em outras situações da vida.

diversos preconceitos e perversões sexuais em nossa sociedade, que vai perceber a virilidade do homem negro como uma ameaça, como atributo de um potencial criminoso, posto que o deseje incontinentemente.

Talvez os/as profissionais da Psicologia possam nos fazer entender melhor a negação desse *desejo reverso*, a suscitar um monte de libido incontida e/ou mal expectada no âmbito do inconsciente racista. Isso porque, de fato, existe uma espécie de atração irresistível dos/as racistas pelo corpo do homem negro, especialmente em torno do mito sobre a grandiosa potência de seu falo, como denunciou Frantz Fanon, no seu clássico *Peles Negras, Máscaras Brancas* (FANON, 2008).

Trata-se de algo que estampa esse homem negro paradoxalmente como algo *assustador*, posto que incrivelmente desejável e ao mesmo tempo perigoso-misterioso. Essas são as angulações e ambivalências das realizações históricas desses preconceitos e desse racismo sobre o homem negro e o seu corpo na formação neurótica das sociedades colonizadas, notadamente quanto à exteriorização das diversas formas de violência e perversidade do gozo branco contra os corpos negros.

O que se afirma aqui é que Exu, como esse princípio iniciático da ordem, de impressão da lei cósmica à criação *a partir do que está desorganizado*, atua - a despeito de todo o racismo - como um fecundador, um educador e um civilizador; como aquele que cria junto a Oxalá, tendo a importante capacidade de arrumar, de dispor esse princípio criado - que é o caos, a confusão e a indefinição - à propiciação do desenvolvimento humano no mundo.

Exu tem então o poder de criar e disseminar essa diversidade cosmopolita no espaço, especialmente na cidade: aonde aflui uma diversidade enorme de culturas e origens. Nas suas encruzilhadas, nas suas vias movimentadas, em meio a todo o seu trânsito, a toda a sua dinâmica e movimentação de trocas comerciais. Pode-se então dizer que Exu representa a própria alma da vida citadina.

Todavia, há que se rechaçar a tentação cartesiana em pensar que Exu é, ao mesmo tempo, o caos e a ordem, já que, na verdade, Ele não é nem uma coisa nem a outra. Para nós é difícil entender isso porque nós temos a tendência, conforme a nossa forma racional e dual de organizar o pensamento, de conceber toda a presença no mundo *como substância*. Mas Exu escapa a qualquer noção de definição ou delimitação como substância, dada a sua condição ativa de agente co-criador, livre e indeterminado, de sua própria existência.

Como já afirmei, Exu é uma espécie de *esteta da própria existência*, um tipo de dândi *com superpoderes*. Podemos, *grosso modo*, entendê-Lo como princípio ou como agente. Melhor dizendo, que está ali, no ato da criação de tudo o que vem a se manifestar com ânimo decisivo neste mundo material, desembaraçando-se das contingências cósmicas a serem superadas com o termo da criação, a serem instadas e ultrapassadas, por sua vez, a partir do incômodo, do conflito, da confusão e/ou da disputa de forças por/com outras forças.

Então, é na condição de falta, incômodo, insatisfação ou não aceitação ante a estagnação; de carência, perturbação ou indefinição inerente a todo princípio de contenda ou (re)começo, que Exu, digamos assim, é invocado: para imprimir um novo sentido, para trazer um sentido outro; para atrair, fecundar, traçar, iniciar a criação de um novo sentido, estabelecendo ali - em superação ao que passou, ao que ficou pra trás - uma nova condição de vida, de estabelecimento de vida a iniciar-se (ou a reiniciar-se) e expandir-se (novamente).

A gente não tem como entendê-lo, por isso, *ou como uma coisa ou como a outra*. Ele na verdade, é um *start*, é o próprio ímpeto à constante retomada. É Alguém que vai deflagrar a passagem de uma condição à outra, na sucessão imprescindível de ciclos entre o caos e a ordem. Dita sucessão é percebida por nós como uma consequência, ou uma sequência, que evolui num sentido mais ou menos caótico ou mais ou menos organizado, mais ou menos cosmo-harmônico; derivando, a partir do *rudurudu*, n'alguma harmonia ou funcionalidade, que se instala depois de descerrada mais uma reviravolta.

Então, há de se entender Exu habitando esse lugar da liminaridade, ou seja, da iminência, do ímpeto inicial à transformação. O sociólogo francês, George Balandier, que tem uma obra chamada *A desordem, elogio do movimento*⁹, descreve Exu, ou *Legba* (que é como ele se refere a Exu, a partir das tradições sudanesas), como esse *princípio de organização*: não de uma vida civil, não de uma via política. Não se trata aqui do Espírito que, por exemplo, vem fundar uma legislação, estabelecer formalmente uma regra, com controles funcionais, conforme a execução de programas ou o cumprimento de organogramas de poder, não é isso.

Exu não é Moisés. Quer dizer, Ele não vem do *Orum* trazendo tábuas de leis. Ao contrário disso, às vezes, Ele pode até - de maneira *antinômica* - trabalhar para subverter e destruir a lei. Ele não é piedoso, muito menos conservador ou reacionário.

⁹ BALANDIER, Georges. *A desordem: elogio do movimento*. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 1997.

Civilizacionalmente, para as sociedades tradicionais africanas e afro-brasileiras, Exu representa, porém, esse movimento iniciático do caos, precisamente essa possibilidade de (re)abertura à ordem *a partir da confusão*. E isso é algo que, para nós, se faz ou pode acontecer a qualquer tempo, às vezes inesperadamente, sempre de modo mais ou menos inusitado, por mais que se possa e se queira prever e administrar todas as crises.

Aquilo de que Exu não abre mão é do passo, é da permissão para que o mundo siga girando e se expandindo. Para que a vida siga em movimento, em seus ciclos, e reassumindo - após cada pequena morte, após cada revolução - a sua dinamicidade.

Lembre-mos de que, para o panteão iorubano, Exu é um Orixá jovem. Ele é o mais jovem de todos/as os/as Orixás. Então, em Exu, está representado esse ímpeto do homem viril, do jovem que tem disposição para (re)começar sempre, que tem energia, ímpeto e vitalidade *para voltar*, retomar, reiniciar e deflagrar mais um novo ciclo de movimento: a fim de que a vida não pare. E de que siga se desenvolvendo, se desenrolando em expansão. E de que os encontros continuem acontecendo, das mais diferentes e inusitadas formas. Nas mais distintas configurações de bocas e Encruzilhadas.

Então, nesse sentido, *de incansável passagem do caos à ordem*, na afirmação de mais um recomeço, de uma nova retomada, na busca de galgar um assentamento inédito, outra morada *menos inóspita*, Exu se nos apresenta sempre como um *vira-mundo*, um negociador, um articulador com as nossas mais íntimas vontades, resoluções, medos, prevenções e disposições. Ele só não quer que a gente pare, *se não o sangue talha e os urubus vêm comer a gente*.

Não noutro sentido, Ele é também um educador de nossa humanidade, porque precisa e invariavelmente nos remete à condição de nos tornarmos radicalmente livres diante de nossas escolhas: sem que nos submetamos mais inconsideradamente a nenhum tipo de programação alienígena ou roteiro de fora, conforme apenas o cumprimento de uma ordem exteriormente estabelecida, uma destinação alienante ou alguma função escorchante (às quais, enfim, foram meramente reduzidas as condições de vida e trabalho nas sociedades capitalistas ocidentais, especialmente as mais tardias e periféricas).

Na verdade, ante as exigências do sistema mundo-moderno, somos cada vez mais compungidos a cumprir, desempenhar papéis, funções autômatas e a estarmos enquadrados na perspectiva dessas funções, de modo a exercê-las *assim* de maneira competente, pronta e eficaz.

Isso nos sequestra a humanidade. Deixamos de ser e de estar com Exu e somos reduzidos à condição de máquina. De acordo com a compreensão filosófica africana, afro-indígena e afro-brasileira, *isso não é vida*, isso não sustenta a vida, porque assim *nós não seremos mais nós* diante das diversas situações enfrentadas. Não conseguiremos nunca desempenhar exatamente os mesmos papéis para os quais fomos treinados ou para os quais, enfim, existe a expectativa - sobre nós - de um *bom desempenho*. À revelia disso, precisamos contar com o erro, com o caos, a tragédia e as reviravoltas exusíacas do mundo/no mundo.

Num sentido bem superficial, podemos dizer que a vida, na sua dinâmica energética de múltiplas emoções, trocas e dimensões (que nos atravessam inteiramente em feixes), compõe-se de muitas situações inesperadas, de vários altos e baixos, e o que Exu representa como proposta de superação é exatamente essa coragem para *nos reinventarmos sempre a cada situação*, uma coragem de disposição total da nossa vida para reiniciarmos quantas vezes façam-se necessárias, para (re)começarmos (de novo, sempre!) depois de cada revés.

Então, essa força que inspira a (re)começar sempre - com uma condição renovada, febril, juvenil, viril (às vezes nem tanto) - é proporcionada, dentro da compreensão dessa tradição, por Exu. Entretanto, o que invocaria, o que traria ao nosso imaginário de brasileiras/os essa representação simbólica de Exu? Refiro-me aqui a algo que não seja mais o diabo cristão, algo desembaraçado de todo o racismo católico-protestante hegemônico.

6. Só mesmo na Malandragem

Para discorrer um pouco sobre isso, eu gosto de falar da *figura da malandragem*, a qual é tão associada, ainda que de maneira estigmatizada, à condição do/a brasileiro/a. Mas vejam que não é essa malandragem no sentido de *levar vantagem em tudo* ou de *se aproveitar das situações*, muito menos de reproduzir as ideias racistas e estruturais de que todo/a pobre é *potencialmente bandido/a e malandro/a*, de que todo/a preto/a e indígena é preguiçoso/a e corruptível, tendo de ser bem disciplinado/a para compensar as suas *insuficiências morais* e se engajar na *cultura do trabalho*. Não é nada disso.

Falo de uma malandragem no sentido de se ser safo/a, de *se ligar*, de se ter de *sobreviver um dia após o outro*, de *se solidarizar com os seus/as suas*, de se importar com a comunidade e de não baixar a cerviz diante dos poderosos.

Falo da malandragem também no sentido de se ter de suspeitar sempre, de se antecipar às situações, como quem *muito bem sabe ler as intenções malsãs por detrás dos bons modos burgueses e cristãos*, dissimuladas nas reputações ilibadas, nas falas refinadas, piedosas e adocicadas *dos/as santos/as e dos/as bacanas*, disfarçadas nas aparências elegantes e na educação dos/as doutos/as.

O/a bom/boa malandro/a é aquele/a, enfim, que consegue desmascarar as violências sutis e os ardis expedientes dos maus intencionados, dos aproveitadores, dos dissimuladores, dos bajuladores de plantão, possibilitando, exatamente, que a sua desonestidade seja revelada, que o seu mau-caratismo seja escancarado, antes que causem mais danos.

Exu age nesse propósito de desbancar os malfeitores, de desmascarar os mal intencionados e aproveitadores de ocasião. Então, nesse sentido, Ele abjura e repudia o regime civilizacional ocidental (meritocrático, pequeno-burguês), que tem nos colocado nessa condição de uma história miserável e subsidiária à violência, que naturaliza a exploração, a desigualdade e a injustiça em suas formas mais profundas e cotidianas.

Desse modo, Exu nos remete à condição de alguém que é experimentado/a, que tem de ser malandro/a para sobreviver e não ser engolido/a, vivaz, e que muito bem conhece todas as más intenções dos aproveitadores, sabendo subvertê-las e desarmá-las sempre quando necessário.

Em outras palavras, Exu *confere as manhas* a fim de que o/a marginalizado/a, o/a periférico/a pobre também aprenda a *embrulhar o seu senhor* e, no momento propício, surpreendê-lo: *virando a banca* e destituindo a autoridade daquele que não é legítimo para estar ali exercendo autoridade nem comando algum.

Nesse contexto, Exu é um subversor, as características que Lhe são atribuídas, as de ser um *trickster*, um gozador, um brincalhão, se dão no sentido do deboche, do desdém, da galhofa e da afronta, de não levar a sério nem se intimidar diante daquilo que Ele tão bem conhece como os efeitos da opressão, da covardia, da violação, do abuso, da exploração, do desrespeito dos mais fortes contra os/as mais fracos/as.

Então, dentro do seu deboche, da sua galhofa, da sua *gaitada*, Exu demonstra muita paciência e perspicácia para *virar o jogo* contra aqueles que são contumazes aproveitadores e malfeitores. *A hora do acerto de contas sempre chega*. Exu sabe muito

bem e ensina o/a humilhado/a a também saber esperar, e armar a oportunidade perfeita de de seus algozes se vingar, compungindo-os a compor os prejuízos que causaram.

A luta e a resistência se dão diuturnamente também na subversão ao racismo. Afinal de contas, a capacidade de operação, reinvenção, resistência dos/as escravizados/as durante os três séculos e meio em que houve o tráfico transatlântico de seres humanos da África para cá se atualiza - até os dias de hoje - nas múltiplas dissimulações diante do poder que pretende mantê-los/as mansos/as e assimilados/as à civilização branca universal. Então, nesse sentido da assimilação, as pessoas negras *se fazem dissimuladas*, e nisso opera Exu, nessa dissimulação, nessa aparente obediência, nessa fictícia submissão em favor da preservação das vidas pretas e de sua Ancestralidade.

Entretanto, na verdade, o que sempre se operou - material e simbolicamente - foram *múltiplas e inventivas formas de resistência*, numa luta viva e contínua contra todos os tipos de dominação, opressão, injustiça, crime, violência, ocupação e colonização pelos brancos. De fato, os povos colonizados e escravizados nunca foram dóceis, infantis, incapazes; sempre souberam operar de maneira fantástica a sua resistência, de modo a que se mantivessem vivos até os dias de hoje.

Certamente não teriam resistido nem sobrevivido, não fosse a presença da sabedoria ancestral que lhes ensina *a boa malandragem* das manipulações, das encantarias e medicinas de seus feitiços e *macumbas*. Resistiram e resistem (com as suas *coisas* e as suas Cabeças *bem feitas*, com os seus corpos fechados) a toda necropolítica moderna que lhes segue endereçando o veredicto de que os *seus corpos estão a mais*, de que a reserva de suas vidas é dispensável.

Pretas/os e indígenas seguem no Brasil afrontando as sentenças, os pareceres, os diagnósticos, os enquadramentos, os alvarás, as seleções e as licenças dos brancos que ainda lhes empurram a carne (a mais barata do mercado) para o fundo do tumbeiro, do camburão, da cela, para os *serviços gerais*, para a fila do INSS, para o genocídio de estado contra a juventude negra das periferias, para o atual tráfico de seus corpos na prostituição, no chão da fábrica e das lavouras (em regime de semiescravidão), para as organizações criminosas, para o desastre do desmatamento, do garimpo e da destruição ambiental. Se o que é cotidiano para negros/as e indígenas, acontecesse uma só vez com os brancos faria a Terra inteira parar, a humanidade toda querer se abraçar, debulhar-se em lágrimas e pugnar veementemente, como nunca antes, pela paz e o respeito aos direitos humanos.

Nós que somos brancos/as privilegiados/as não conseguiríamos operacionalizar a resistência da maneira inventiva e ousada como negros/as e indígenas conseguiram ao longo da história.

7. Pintando *com tinta-sangue* outra Ética

O que trago aqui para reflexão deve servir como um *ebó*, bem feito, bem despachado, bem entregue, para pensarmos no que de fato *consiste uma ética* a partir desses enfrentamentos de resistência, sobrevivência e reinvenção diante das violências e exceções do racismo, de modo a podermos nos manter, digamos assim, acesos os rituais da memória e da presença ancestral de origem africana e originária entre nós.

Para além da realidade dos/as vivos/as e dos/as defuntos/as, verificam-se muitas formas de reinvenção, resistência e manutenção da presença das pessoas pretas e indígenas no mundo, a despeito de elas virem sendo tratadas como lixo desde a invenção do Brasil. Ao aprofundarmos essa reflexão poderemos nos certificar se, de fato, essa resistência (exusíaca) *consiste numa ética ou não*. E numa ética de quem, para quem, com que propósitos e com que propostas, a partir de não sei quais parâmetros e possibilidades de ação.

Seria uma ética de prescrições morais, de mandamentos piedosos e censores? De anúncios e encômios universais? De orientação a escolhas entre as díades do bem e do mal, do certo e do errado? Eu não vou responder isso. O que eu posso é apenas sinalizar na direção dessa compreensão, trazida *nesse quadro borrado, meio abstrato, meio torto*, no qual se pode enxergar Exu; a fim de, depois, tentarmos ver juntas as possibilidades de *outras imagens* - impressões e expressões - *a respeito de Exu* no meio de nossas discussões ético-epistemológicas.

Talvez isso se dê no sentido de trabalharmos, primeiro, a desconstrução de tantas representações negativas sobre os corpos negros e os marcadores de africanidades, a fim de, depois, tentar contribuir um pouquinho - ainda que restritas/os à nossa bolha acadêmica - com a reparação de algumas das inúmeras injustiças cognitivas que são inconsideradamente atreladas a Exu e a quase tudo o que vem das culturas de Ancestralidade africana, afro-indígena e afro-brasileira.

Seria assim uma proposição ética de combate direto - não apaziguador - ao próprio racismo antinegro, sobretudo ao racismo religioso (massivamente anteposto às

expressões de marcadores civilizacionais e subjetivos de africanidades entre nós). Uma *ética enegrecida*, que se despacha na rua, no corpo-a-corpo, nas trocas de fluidos, não mais na segura asséptica/ hermética dos gabinetes preservados ou dos fóruns de assembleias em celebração à democracia. Uma *ética ancestral*, de tradição oral, transmitida na iniciação e na feitura dos segredos, cantada em pontos e *mandingas*, e não mais gravada por escrito em declarações universais e conciliadoras.

Uma *ética aguerrida*, cujo sangue dos tantos assassinatos cometidos contra si (pela administração da ordem e da paz alvinitentes) viesse agora lavar, limpar e abrir as Cabeças de nossa juventude periférica. Uma ética que não tenha mais medo de se contaminar. Uma *ética no osso*. Uma ética que joga capoeira, *que dá pernada*, que dança, come farofa e bebe cachaça.

Levantar as questões que implicam nos estranhamentos e nas dificuldades, diante de todo o racismo entranhado na formação de nossa própria subjetividade, que nos impedem de reconhecer essa presença, essa existência africana a partir de nós, em nós, já seria o início de algo que certamente valeria muito a pena em matéria de discussão ética.

Pensando a educação formal como instrumento de transformação de mentalidades e condutas, talvez uma ética nesses moldes fosse muito útil a cursos de licenciatura, contribuindo para uma reestruturação das práticas educacionais e pedagógicas em bases antirracistas e decoloniais. Porque eu trabalho em cursos de licenciatura, então eu sempre toco nessas questões relativas à filosofia e à ética também na perspectiva de se colocar em prática posições e práticas pedagógico-educacionais antirracistas.

Nessa busca de diálogo com Exu, procuro refletir contra as amarras da colonialidade no nosso próprio sistema educacional e na nossa própria formação filosófica (no curso da qual nós não tivemos a oportunidade de conhecer absolutamente nada fora do eixo eurocêntrico ou mesmo a respeito de conceitos e discussões como o racismo, a colonialidade, a diversidade, entre tantos/as outros/as, que teriam sido importantes para aprendermos a pensar *com as nossas próprias cabeças as questões que nos são próprias*).

Essas não seriam questões cruciais para que, do ponto de vista ético e ontológico, nos perguntássemos se, de fato, os pensamentos, os valores e os seus juízos concernentes - de crítica e exceção modernas - não estariam na base do racismo de nossas formações sociais, institucionais e epistemológicas correntes? Não valeria a pena

compreender, para além das amarras da colonialidade e do racismo, a formação da subjetividade moderna, das nossas formas de pensar, ser, sentir, estar e agir no mundo? A busca por novas filosofias possíveis, por novas éticas possíveis, provocando essa ruptura a partir da estrutura, que para nós é mais próxima - educacional, branca e racista -, em todas as dimensões da nossa vida social, não valeria a pena?

Qual seria o custo disso? O que temos de fato a temer ou a perder? Os nossos receios são mesmo os do rigor filosófico? A proposta de formação com a qual se busca trabalhar na UNILAB, por exemplo, exige ações para se colocar em prática o que está estabelecido a partir das leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, que tornam obrigatória a educação, respectivamente, com base na História e na Cultura Africana e Afro-brasileira e Indígena.

Então, isso para nós apresenta-se como um imperativo, uma condição vital para a descolonização do nosso fazer docente, das nossas reflexões e do nosso trabalho intelectual; mas também é algo vital para nós como pessoas e comunidades que estão presentes em diversas situações e movimentos de uma sociedade estruturada a partir do grande domínio patriarcal colonial (de raízes escravistas, elitistas e sexistas).

8. Exu nos educa *para fora da casinha*

Acredito que podemos pensar com Exu, ou melhor, permitir *que Exu nos repense, nos revire, dê uns sacodes e empurre para fora da casinha*. Afinal, a reformulação das bases de nossas diretrizes e propostas educacionais nos exige o reassentamento de uma série de práticas e teorizações, mormente quanto a aspectos e implicações éticas remanescentes de modos e comportamentos fundamentalmente tributários ao colonialismo e ao racismo estruturais.

O que eu penso é que, antes de qualquer discussão de *teor ético* (teorética), nós precisamos mesmo é de justiça social e cognitiva. Precisamos entender que a nossa formação acadêmica é calcada em *epistemicídios* e *mentecídios* contrários à presença, à afirmação, à memória e mesmo à sobrevivência de todos os saberes e conhecimentos que nos remetam às Ancestralidades e às culturas de matrizes africanas, afro-indígenas e afro-brasileiras.

É o que nos denuncia Abdias do Nascimento (1980), em sua proposição do *quilombismo* como programa de emancipação ético-filosófica e econômica do povo

brasileiro, alicerçado em intensas práticas ético-comunitárias de compartilhamento de experiências laborais e espirituais. Nesse sentido, o *quilombo* é apresentado como o lugar de livre e fraterna convivência, de solidariedade e comunhão existencial junto a terra. Ainda segundo Nascimento (1980, p. 270), o *quilombismo* consistiria na adequação ao meio brasileiro do comunitarismo e/ou do ujamaísmo¹⁰ de tradição banta.

Nesse sistema, as relações de vida e produção divergem fundamentalmente daquelas prevalentes na economia capitalista ocidental, de espoliação do trabalho e de acumulação material primitiva, fundada na *razão do lucro a qualquer custo* e disseminada em valores e instituições de superestruturação racista, elitista e individualista.

Para Abdias do Nascimento (1980), a grande questão da educação é, por isso, a descolonização mental, no sentido de desconstrução dos *mentecídios* concernentes a todos os tipos de racismo antinegro. Para ele, o *mentecídio* corresponde à fase mais sofisticada da estratégia de guerra supremacista branca contra a raça negra, no sentido de apagar ontologicamente da consciência a existência de sua humanidade (negra), em favor de um ideal branco e mentiroso de humanidade universal (branca), evoluída e agraciada (por deus e a ciência) como a única herdeira dos céus e da terra.

A esse universo branco egoísta/capitalista/cientificista, historicamente construído com base nos *epistemicídios* e *genocídios coloniais da modernidade eurocentrada* (e destinado à destruição apocalíptica do antropoceno), os/as negros/as e os/as indígenas têm de se levantar e opor, do alto de suas Cabeças bem feitas na Ancestralidade e de seus Corpos fortemente fechados junto a Terra, justamente o que Exu representa: a decisão de não se renderem (nunca) e de resistirem (para sempre).

Aí sim reconheceremos que estamos em guerra, que no curso da modernidade - como nos diz Abdias do Nascimento (1980) - sempre estivemos em guerra. Uma guerra encampada no Corpo e na Cabeça, de genocídio e de epistemicídio/mentecídio brancos contra a presença e a sobrevivência negras (e de Exu) no mundo.

Trata-se de uma guerra de biopolítica, de bioterror (FOUCAULT, 2008), ideologicamente enfeixada em um *racismo de estado e de direitos* (FOUCAULT, 1999), senão de desbragada *necropolítica*, especificamente quando se trata do

¹⁰ *Ujamaa* é um termo suaíli que integra a interdependência e a capacidade de compartilhar recursos em comunidade. O ujamaísmo exige o compromisso com a comunidade, a determinação de que somente a comunidade decide a vida da comunidade, a dedicação ao trabalho coletivo, a percepção de que os problemas de uns/umas e dos/as outros/as só podem ser resolvidos conjuntamente, a interdependência e a cooperação econômica, a criatividade e a fé (Cf. NASCIMENTO, 1980, p. 272).

continente africano e dos/as mais retintos/as dos/as pretas/os - dos/as quais *há de se limpar a humanidade em sua universal evolução* (MBEMBE, 2020).

Uma guerra, portanto, de *armas brancas, em defesa da ordem e da sociedade, em favor da melhor vida e de sua civilização*. Uma guerra *de testemunhos e de posições claras, de cortes cirúrgicos, de justiça e de melhoramentos assépticos, eugênicos*. Para além do terror direto, uma guerra de pretensa modificação genética do nosso próprio DNA, que pugna por sub-repticiamente apagar do nosso heredograma, da nossa hereditariedade qualquer presença, qualquer vestígio negro, de eventual e obscura origem *perdida*, alheia à dos (nossos) cultores, descobridores cristãos ibéricos.

Uma guerra que, enfim, apaga da nossa memória, dos registros e álbuns de família a existência das trisavós e das tataravós, negras e indígenas, de cujos reiterados estupros descendemos todos/as os/as brasileiros/as. O que soçobra dessa guerra em nossas formas sociais não é senão a negação neurótica, a sistemática e doentia denegação do racismo que nos mata a todos/as, que nos adocece da ausência de quaisquer heranças remetidas à presença africana e afro-indígena em nós, à nossa origem *na terra* e no lado negro do Atlântico.

É nesse sentido que Exu, como desbravador, como índice de resistência e *aquilombamento*, como Corpo político que faz *de cada Cabeça um Quilombo*, em suas infinitas andanças e possibilidades de reinvenção - a partir das africanidades - nos possibilita, sim, proposições e discussões *na educação* para a descolonização de nossas formas racistas de ser, pensar, sentir e educar. É aí no berço, no seio da educação, a partir dessas perspectivas decoloniais e antirracistas, que nós entendemos ser para ontem a pedra que atiramos hoje junto com Exu. Que essa pedra, *itan* de Exu, encegueça fundamente o olho ciclópico do capitalismo. Que com o seu garfo (oritá), Exu vaze o olho maldito do senhor branco e rasgue, de uma ponta à outra, o seu grande domínio patriarcal.

É, portanto, no seio dessa educação antirracista que temos de, *para ontem*, operar a desdemonização e a descriminalização das divindades e dos corpos negros, a fim de que não sejam mais apagadas ou sufocadas nem invisibilizadas as suas presenças, os seus cultos e os seus saberes, a fim de que as juventudes negras e indígenas não sigam mais sendo prostituídas, encarceradas e dizimadas nas florestas, faxinais e periferias, para que a gente não tenha mais o racismo campeando assim *de maneira tão mortífera*, conforme se tem verificado na escalada dos últimos anos de *bolsonarismo e cristofascismo no Brasil*.

Quanto à relação entre a ética exúlica e o universo das regras, acredito que são procedimentos, concepções, por exemplo, como as da academia, amarrações metodológicas às quais a gente se vê consternada/o a seguir, mediante o anúncio de promessas e recompensas falsas, mas que podem ser rompidas com *as mirongas*, com *as mandingas* de Exu. Eu vejo essas regras, *suas ordens, urgências, necessidades e instâncias legitimadoras* como procedimentos determinados para o controle e a obtenção de resultados esperados. Por isso também é importante discutir a possibilidade de subverter isso, principalmente no âmbito das disciplinas de epistemologia e metodologia nos cursos de ensino superior, nas mais diversas universidades e centros de produção de conhecimento.

Há que se reconhecer, contudo, que a cultura da escola e da universidade é totalmente ocidental e *antitética à circularidade exusíaca*. Todavia, não se pode esquecer que Exu *sempre surpreende*. Nunca se sabe o que Exu de fato faria *numa ou noutra situação*. Ele sempre sai e nos tira *para fora da casinha*. Exu pode ser um *lord*, um *gentleman* impecável e pode, de repente, *(des)armar um barraco do tamanho do mundo* - e tem sempre todos os motivos (do mundo) para variar *de uma ponta, de um extremo ao outro*.

Então, assim, a capacidade de Exu é a de sempre nos surpreender. Se tem algo ou alguma força que seja contrária ao enquadramento em regras, à detenção a padrões, controles, disciplinamentos, pode estar certa de que é Exu. Não que essa indefinição, essa potência *em insurgente tensão* - que é como força, energia intensa a impelir direcionamentos extensos - não precise ser encaminhada, nem tencione um rumo. Precisa sim. Isso acontece, porém, a partir de uma resolução à criação *como entrega total*, com *devoção absoluta*, como *tudo ou nada*, como quem *não titubeia mais* e assume a coragem de *pagar por isso com o preço da própria vida* (sem se preocupar com recompensa, fracasso, reconhecimento nem perfeição).

Trata-se da coragem em entrega, em disposição total. Porque, na verdade, o que Exu nos ensina é que a negociação, a intermediação, a comunicação, a possibilidade de experimentar da vida - como laboratório de diferentes aprendizagens e trocas, em diferentes situações - é a única coisa que verdadeiramente *vale a pena*, nos preenchendo de sentido e conferindo sabor à existência: forjando-a como uma obra de arte, duradoura ou passageira, dolorosa ou prazerosa, não importa. O que vale é que o giro da vida se faça completo, e que seja belo, admirável, intenso, ousado e digno de ser vivido.

Como passaporte ou condição de ingresso *a essa revolução*, o que Exu exige de nós é exatamente a honestidade e a confiança, precisamente a constatação de que *estamos caminhando*, mas sabendo que, *no meio dessa caminhada*, pode haver uma reconfiguração de 360°, uma mudança completa de rota ou de percurso e que essa reviravolta pode acontecer *supostamente do nada* e a qualquer momento, por forças e circunstâncias por nós quase sempre inteiramente ignoradas e inesperadas.

Exu nos coloca então na condição de sentir, mais do que na de propriamente compreender, a sucessão *e o solavanco* dos acontecimentos. Ele nos ensina que não existe motivo nenhum para desespero, que seguiremos sob a regência, a imantação poderosa de sua força expansiva e que - se não nos faltar fé - não seremos jamais cuspidos/as da roda. Isso porque existe sempre a possibilidade de (nos) reinventarmos e de reiniciarmos diante de toda e qualquer situação, em quaisquer circunstâncias, em quaisquer tempo ou condições. Podemos sempre recomeçar.

O que não devemos é parar, senão seremos içados/as ao vértice obtuso e presunçoso da afasia solitária ou tragados/as ao vórtice das certezas delirantes que nos anulam. A despeito de nossas dúvidas e incompreensões, o que Exu exige de nós é coragem, é firmeza, honestidade e total entrega desde o ponto em que ingressamos na gira.

9. Um descarrego filosófico-epistêmico com Exu

Vejam que esse peso civilizacional da modernidade, o seu *mal-estar* e a sua *ziquizira*, que nos condenam ao racismo e à exceção dos regimes de culpa, categorização e impreciação moral, que nos fazem sermos hoje sujeitos/as falidos/as ante as promessas da razão e do cristianismo, esse *peso morto em nós infecto pelo cadáver da salvação* pode ser desfeito por Exu. O descarrego que Exu nos proporciona não nos exige, contudo, termos de nos redimir de nada, de nos salvarmos de nenhum inferno, de nos desculparmos de nenhuma falta nem de nos abluirmos de qualquer mancha ou pecado original.

Isso porque *nós não temos culpa nenhuma* além do descontentamento da modernidade ante a presença negra de nossa Ancestralidade e de nossos corpos. Alhures às chantagens *do céu* e às ameaças *do inferno*, *imunes aos cortes epistêmicos da colonialidade*, que nos separam da Cabeça o Corpo (e nos perdem do contato com a

terra e a comunidade), somos sim agentes das forças que se realizam como manifestação vital em nossas andanças nesta terra; forças as quais, em um momento ou outro de nossas existências, podem ser potencializadas ou falhar, por condições as quais nunca vão estar inteiramente sob o nosso controle, a nossa previsão, ou conforme a pretensão de um roteiro absoluto e infalível que, na verdade, não existe, *jamaís existiu*.

Não estamos, contudo, à deriva, adernando em meio à *poluição sem fim* da modernidade. Exu pode nos guiar, nos direcionar e nos trazer a compreensão de que nós somos esses seres que fazem parte do caos liminar e da possibilidade de um princípio co-criado e sempre aberto à renovação, a voltar a viver e (re)existir. Nesse sentido, Exu nos livra do medo, da subserviência, da gente ter de viver sempre na tentativa de solucionar a combinação de crises das sociedades capitalistas, porque as nossas sociedades são sempre sociedades deliberadamente em crise, *programadas para a crise*, e isso tem a ver com a formação da nossa subjetividade e da racionalidade modernas.

Os filósofos ocidentais sempre arrumam o pensamento na possibilidade crítica de realização do mundo *como um projeto*, como coisa a ser executada, controlada, da qual a gente tem de auferir *o que é cotado pelo capitalismo* como percepção única de desenvolvimento e progresso. Isso tudo tem nos inserido, porém, em situações de *vida* as quais são hoje crescente e absolutamente insuportáveis, insustentáveis.

Os modos e os comportamentos *de vida* que hoje nos submetem então à realização máxima de um *egoísmo maduro*, depois da modernidade, têm ininterruptamente nos fragmentado, fragilizado, isolado, nos individualizando como seres que, na atualidade, de acordo com esse esquema do capitalismo tecnológico-financeiro, têm sido coagidos/as a se tornar autômatos/as *empreendedores/as de si mesmos/as*. Caso falhemos nisso, a culpa e a responsabilidade são inteiramente nossas, porque *somos fracassados/as*.

Talvez não vejamos que isso tudo nos forja e nos programa para a morte e a finitude. Em contrassenso a isso, o que os modos tradicionais de saberes e comportamentos de vida africanos, afro-indígenas e afro-brasileiros nos ensinam - a partir de agências como as da divindade Exu - é que, na verdade, nós todos/as estamos em situações em que as nossas vidas são, necessária e verdadeiramente, as vidas de uns/umas e dos/as outros/as, podendo o inesperado acontecer a qualquer momento, não havendo motivo diante disso para nenhum abalo ou para nos destruímos, tampouco para achar que *tudo acabou*.

Vamos lembrar que Exu significa precisamente renovação, rotação, esfera, círculo, recomeço. Então Ele tem a chave da iniciação e do encerramento do que quer que seja, Ele é sempre a possibilidade de abertura a um novo ciclo, a uma nova (re)invenção, a outras formas de vida, e o que Ele pede para nós, para os/as seus/suas iniciados/as, para as pessoas que O cultuam, é exatamente essa disposição para uma entrega total *sem reservas*, sem planos de segurança, sem promessas de salvação, sem possibilidade de refugar, de arremeter, de voltar atrás.

Trata-se, como eu já disse, de uma disposição de vida como *algo total*, como quem está ali inteiro/a, entregando-se totalmente, sem qualquer subterfúgio, sem nenhuma cláusula de indenização, sem nenhum medo, sem nenhum anúncio de redenção em caso de perdição, falha, pecado, fracasso, falência. Independentemente do sinistro ou do revés que por sobre nós recair, teremos como e aonde prosseguir.

Não noutro sentido, foi que dissemos também que Exu pode representar uma espécie de princípio a descolonizar as nossas concepções modernas de currículo e de ensino, não só da filosofia, como de todos os campos do conhecimento e também de nossos próprios modos de vida. Ele vem como *essa força* que nos inspira e nos desperta a capacidade de *bater de frente* com as dificuldades e seguir aprendendo e vivendo, de modo invariavelmente belo, ousado e intenso. Afinal de contas, Exu viveu e Ele viverá, porque Ele sempre se renovará, Ele sempre tem em si a possibilidade do/a outro/a, de se fazer e de se transformar no/a outro/a.

Sobre esses saberes tradicionais africanos concernentes à renovação e à circularidade, há um filósofo moçambicano, José Castiano (2015), que afirma com relação à ética que a lógica ocidental nos dispõe a sermos sozinhos/as, a estarmos isolados/as nos momentos extremos. Então o que passa a imperar em nós, conforme essa lógica, é a solidão fundamental dos conceitos, como se os/as sujeitos/as pudessem incoerentemente operá-los sozinhos, desde a caverna de sua razão isolada, da organização funcional e individual de suas vidas a partir da concepção de uma disposição discursiva.

Ao contrário disso, a lógica africana seria a do mito, não a do discurso, conforme o respeito e o reconhecimento divinos de que não se sustenta a existência nem a possibilidade de nenhuma vida - nem de seus projetos - a não ser na partilha com o/a outro/a *da mesma origem e destinação*; isso porque todas/todes/todos, ao fim e ao cabo, somos um/a só, e nessa comunhão (sinérgica) devem consistir as intenções de *se*

experimental, de *se* sentir e de estar no mundo, percebendo-se vivo/a necessariamente no/a, com o/a outro/a.

A partir do que Exu representa, isso nos evidencia a necessidade de expandirmos, diante do mundo, a nossa inteligência (mais propriamente sentida do que alheamente calculada) *na atenção generosa de uns/umas para com os/as outros/as*. Exu é o Orixá que sempre nos desafia *a largar mão de sermos mesquinhos/as e pequenos/as*, Ele vai sempre testar os nossos limites, incitar a expansão da nossa vontade, da nossa abertura em desapegar *do que já passou* e aprender (sempre), não admitindo (nunca) que padeçamos isolados/as e conformados/as em um único conceito, numa identidade só, na casa das velhas convenções, nem que sejamos humilhados/as no cumprimento de atribuições fixas e de papéis estanques.

Quando necessário, Ele sempre vai nos desafiar para *virar tudo de ponta cabeça*, Ele é o *vira-mundo*, o subversor, Aquele que subverte o que nos apequena, nos humilha e aprisiona. Ele nos ensina precisamente a subverter o senhorio de tutores e custodes, que se locupletam indebitamente da escravização de nossas vontades, de nossos corpos, cabeças e desejos.

E, caso em algum momento esse *não ser subserviente* ou essa *abertura ao outro*, como nos ensina Exu, nos pareçam estranhos, convém lembrar que é justamente nisso que a gente vê o efeito dos discursos dos pensadores modernos, que vão exatamente falar da necessidade de *autonomia do pensamento*, de nos desbaratarmos de todas as tutelas que impedem o exercício da nossa liberdade como seres racionais que se autodeterminam. Entretanto, nessa trajetória da racionalidade do ocidente, desde Descartes, o que se empreende é a separação entre a *res extensa* e a *res cogitans*; algo que vai condicionar ou mesmo pré-estabelecer como possibilidade, como limite para a realização consciente do nosso *espírito racional*, exatamente aquilo que conseguirmos alcançar e, digamos assim, de certa maneira manobrar, manejar exclusivamente a partir da perspectiva individual do ser pensante. Que, metódica e artificialmente é concitado a divorciar-se do mundo - e conseqüentemente do/a outro/a - em sua *ascensão*, em seu *esclarecimento* hasteado à razão.

O que comumente não se percebe é que isso definha, morre fundamentalmente como *um sentido em si*, porque nos encerra como indivíduos que não têm, *além disso*, mais possibilidades de se comunicar nem de coexistir com mais nada nem ninguém, *afora si mesmos/as*. Impotentes em compartilhar mais da existência com o que quer ou com quem quer que concorra a essa individual consciência de si.

Uma consciência que, por seu turno, *grita feito louca* e não se faz entender, que - no campo das relações modernas - se interna e se mede apenas como controle de operação, somente como capacidade ou licença à manipulação e à disputa da realidade como *coisa objetiva*: a ser por sua vez (re)produzida e representada exclusivamente a partir de uma *lógica de produção capitalista*, manumitida e lavrada de forma exclusivamente *individual*.

O que estou dizendo com isso, como o professor José Castiano (2015) também observa, é que *esse horizonte de realização da liberdade ocidental* é fundamentalmente egoísta e destruidor, tal como uma negação autodefensiva ao que quer que *lhe pareça estranho*. A diferença *lhe* é automaticamente uma ameaça, a discordância um inimigo a ser sumariamente identificado, disciplinado, assimilado/internado e/ou eliminado.

Trata-se, portanto, de uma liberdade por exceção, ou *negativa*, da qual, por exemplo, vão falar os filósofos liberais ingleses do século XVIII, como condição cumulativa ou de garantia opositiva à vida, à locomoção e à propriedade, conforme o status de direitos naturais ou fundamentais a serem resguardados em contratos e pactos por soberania.

Na verdade, já a partir do século XVII, essa *liberdade negativa* vai *cercar o sujeito ocidental de possibilidades liberais*, a fim de que o mesmo se afirme racionalmente como cerne moral ou sede de toda a consciência pensante. Na trincheira dessa programação estancada, o/a sujeito/a vai perdendo toda a possibilidade de comunicação, coexistência, (cons)sentimento, experimentação, cooperação e compaixão a partir do que o/a outro/a ou a sua comunidade espontaneamente *lhe* proporcionem, esterilizando-se *lhe* o cultivo de qualquer vivência ética genuína ou autêntica.

Do que disso se exclui, preserva-se na concepção tradicional de comunidades africanas, afro-indígenas e afro-brasileiras algo da vivência ética a partir do compartilhamento intrínseco de saberes, ritos e segredos ancestrais: tanto por meio da oralidade, quanto no curso das celebrações circulares, na sagacidade e também na alacridade das experiências políticas e mágico-religiosas. Nesse convívio, ao contrário do que sói acontecer nas culturas modernas ocidentais, os/as mais velhos/as são necessariamente - mais que respeitados/as - mandantes, além do que ali quase nunca se exclui ou excetua ninguém da comunidade.

A oralidade, ela mesma, deve ser aqui entendida como propiciação e propulsão de energia vital no seio comunitário, como elo de culto e acesso à Ancestralidade, como condição à manutenção do equilíbrio, na dinâmica do entrelaçamento *entre o Orum e o*

Ayè. Falo aqui também do ritual, da magia, do feitiço para a deflagração e manutenção da mesma energia vital, para a revitalização do que complexamente somos juntos/as uns/umas dos/as outros/as à natureza e à sustentação da própria vida comunitária (induzida e propalada, como Corpo em movimento, pela expansão da Boca e do *Ogò* de Exu no mundo).

Nada disso faz sentido ou *ganha vida* fora dos rituais e celebrações comunitários, pois as soluções para os problemas *do mundo* não podem ser individuais. Nenhuma solução ou resposta pode ser *nem de um nem para apenas um indivíduo*, de modo a que se alheie ou a que se oponha *ao mundo* como coisa que ameace, constanja ou tolha as possibilidades dos/as demais seres viventes, impondo-lhes regras somente para a privativa realização de sua liberdade.

Nesse mesmo sentido, ainda o Professor Castiano (2015) vai nos falar que a lógica da razão ocidental confere abertura apenas para a morte, conforme a produção da contingência de nos colocarmos essencialmente - apesar de vivermos em sociedade - uns/umas contra os/as outros/as, sempre na circunstância de acharmos que o/a outro/a é alguém que vai potencialmente nos trair, enganar e aproveitar-se ante a premeditação de crises com base no sacrifício individual.

10. Ô, marmota! *Você de novo, satanás?*

A rejeição a Exu como princípio civilizador e reparador das injustiças cognitivas resultantes da colonização pode ser percebida no uso da palavra *macumba* como agressão e xingamento, o que evoca a importância de também se descolonizar a linguagem. As pessoas que são das religiões de matrizes africanas, afro-indígenas e afro-brasileiras elas entendem, sim, *que são macumbeiras e que são adoradoras de Exu*, estando aí para afrontar, para resistir e se opor a todos/as os/as seus/suas detratores/as; lutando contra todas as formas criminosas de discriminação, racismo, violência e preconceito de ordem religiosa e étnico-racial.

Trata-se aqui da mesma discussão de um importante autor chamado Kabengele Munanga (2006, 2019). Ele tem um texto sobre as implicações da ideia de mestiçagem no Brasil e a falsificação da identidade da pessoa negra e outro sobre a origem da raça, do racismo, da identidade racial e da ideia de etnia, nos quais ele discute exatamente isso.

Na atualidade, os/as teóricos e estudiosos/as - Kabengele Munanga (2006, 2019) critica isso - tendem a chamar, por exemplo, as lutas e mesmo os estudos raciais pela alcunha generalizante de *étnicos*. Pretendem substituir a palavra *raça* pela palavra *etnia*, no sentido de que esta última seria *politicamente mais correta*, atual e mais condizente ao patamar, enfim, da postulação e da aquisição de direitos e preceitos científicos.

Etnia - melhor do que *raça* - conferiria às discussões um status *político e científico* de mais igualdade, *neutralidade* e notoriedade, seria como algo visto e entendido - sintética e indistintamente - como *luta pela cidadania*. O problema é que ninguém xinga ninguém “ei, seu/sua afro-brasileiro/a”, xinga “ei, seu/sua preto/a filho/a da ***”. E aqui há uma grande diferença.

Então, *preto/a* é xingamento, *macumbeiro/a* também é xingamento, no sentido de não disfarçar mais, sob a condição ou a neutralidade de nenhum discurso *bem intencionado*, que não existe ali *racismo anti-negro/a*.

Veja, então, que esses filtros conceituais, essas discussões acadêmico-científicas em *termos bem postos*, na maioria das vezes, disseminam ainda mais racismo. Mesmo que estejam *bem ajustados, bem intencionados e em favor da causa*.

Já o termo *afrodescendente* a gente só vê escrito em documento, em texto jurídico ou acadêmico (ou então dito em piada de racista e em discurso de presidente fascista). Veja que *afrodescendente, afro-brasileiro/a* e *adepto/a de religião de matriz africana* não são xingamentos proferidos nas ruas, nos espaços e transportes públicos, nas escolas, nas delegacias, nas redes sociais contra ninguém. São termos *plastificados*, sacados dos glossários das ciências sociais, como a antropologia, e das ciências sociais aplicadas, como o direito.

Já *preto/a macumbeiro/a, feiticeiro/a, macaco/a filho/a da **** são xingamentos, são graves injúrias racistas. Isso parece até piada, mas chamar de *diversidade étnico-racial* a solução à luta contra séculos de escravização e racismo é meio que embrulhar toda a dor e violência racistas, experimentadas pelos corpos e sentimentos de gerações e gerações de pessoas e comunidades negras *desde que o Brasil é Brasil*.

Afinal, são dores que ainda rescendem com muita força em nossa sociedade atual, até porque o racismo segue plenamente - com toda a força da supremacia branca *universal* - como esteio institucional de nossas estruturas e valores sociais. Então não adianta apenas vestir as *cores da diversidade e da democracia*. Isso é meio que *pedir desculpas, dar uns tapinhas nas costas e dizer*: “ei, agora somos *brothers*”. Mas que fique cada um na sua, *não vem pra cima se não eu vou te f*der*.

Portanto, precisamente porque continuam a perseguição, o ódio, a intolerância religiosa contra as pessoas negras e os marcadores de africanidades é que essas comunidades se auto intitulam, sim, como *comunidades de macumbeiras e macumbeiros*, de Ancestralidade preto-africana, afro-indígena e adoradora de Exu.

Quanto a associar os adoradores de Exu ou o próprio Exu a Satanás, confesso que não conheço bem a etimologia da palavra *satanás*. Sempre pensei que fosse do hebraico, que significasse algo como *aquele que causa divisão, que traz emboscada ou mentira* ou algo do tipo ¹¹. Fala-se, contudo, de outras origens, que a gente tem que investigar essas fontes textuais, já que pode ser que seja, enfim, uma discussão quanto à origem etimológica ou o campo semântico, de palavras e termos que assumem diferentes contextos e significados, de acordo com a historicidade, a sociabilidade, a cultura de quem os emprega, e em que circunstâncias e situações faz o uso deste ou de outro termo ou palavra.

Então, eu não sei dizer ao certo, mas que os/as pretos/as até hoje *são vistos/as como satanás* isso é atualíssimo. Não é uma coisa do Egito antigo, da influência islâmica. É exatamente dessa forma até hoje.

11. Exu nas Escolas! E também na psicologia e na quebrada da UNILAB

EXU NAS ESCOLAS

Exu nas escolas
 Exu nas escolas
 Exu nas escolas
 Exu nas escolas

Exu no recreio
 Não é Xou da Xuxa
 Exu brasileiro

Exu nas escolas
 Exu nigeriano
 Exu nas escolas
 É a prova do ano
 É tomar de volta

¹¹ *Satanás*, do hebraico, *o que arma ciladas* (Cf. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa *online*. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/?s=satan%C3%A1s>. Acesso em: 08 de nov. 2023).

A alcunha roubada
De um Deus iorubano

Exu nas escolas
Exu nas escolas
Exu nas escolas
(Exu-ê-ê-ê, Exu-ê-ê-ê)
Exu nas escolas
(Exu-ê-ê-ê, Exu-ê-ê-ê)

Estou vivendo como um mero mortal profissional
Percebendo que às vezes não dá pra ser didático
Tendo que quebrar o tabu e os costumes frágeis das crenças limitantes
Mesmo pisando firme em um chão de giz
De dentro pra fora da escola é fácil aderir a uma ética e uma ótica
Presas em uma enciclopédia de ilusões bem selecionadas
E contadas só por quem vence
Pois acredito que até o próprio Cristo era
Um pouco mais crítico em relação a tudo isso

E o que as crianças estão pensando?
Quais são os recados que as baleias têm para dar a nós,
Seres humanos, antes que o mar vire uma gosma?

Cuide bem do seu Tcheru
Na aula de hoje veremos Exu
Voando em um tsuru
Entre a boca de quem assopra e o nariz de quem recebe o tsunu

As escolas se transformaram em centros ecumênicos
Exu te ama!
E ele também está com fome
Porque as merendas foram desviadas novamente

Num país laico
Temos a imagem de César na cédula e um "Deus seja louvado"
As bancadas e os lacaios do Estado
Se Jesus Cristo tivesse morrido nos dias de hoje com ética
Em toda casa, ao invés de uma cruz, teríamos uma cadeira elétrica

Exu nas escolas
Exu nas escolas
Exu nas escolas
Exu nas escolas

Exu no recreio
Não é Xou da Xuxa
Exu brasileiro

Exu nas escolas
 Exu nigeriano
 Exu nas escolas
 E a prova do ano
 É tomar de volta
 A alcunha roubada
 De um Deus iorubano

Exu nas escolas
 Iá!
 Exu nas escolas
 Iá!
 Exu nas escolas
 Iá!
 Exu nas escolas
 Iá!

Compositores: Edgar Pereira Da Silva / Kiko Dinnuci Kiko Dinnuci

Essa música *Exu nas escolas* faz parte do álbum da Elza Soares *Deus É mulher*, do ano de 2015. Óbvio que essa música não alcançou muita repercussão na mídia, não apenas pelo fato de pautar Exu, o racismo e a subtração colonial da escola e da educação no Brasil, mas também porque, mais para o final de sua carreira, a própria cantora assumiu *estética e politicamente* uma postura mais aguerrida subversão e denúncia crítico-social.

Nisso se inclui, para além de quaisquer performances, a sua coragem em diversos e abertos posicionamentos antirracistas, antissexistas e antifascistas em suas redes sociais, os quais a envolveram em polêmicas com diversas personalidades do *estafe branco-corporativo do Brasil amado*, como ministros de estado, líderes religiosos, socialites entre outros/as. Algo de reinvenção mesmo, mas que de certo modo atraiu mais atenção para a sua luta e representatividade negra e feminista do que propriamente para a sua produção musical.

É provável que ela tenha optado por esse maior engajamento de crítica e denúncia social em busca do resgate de sua trajetória de mulher negra periférica, que sempre foi assim submetida aos interesses e à imposição de gostos estereotipados (para não dizer racistas) do público, dos *mass media* e da indústria fonográfica. Ela se reinventou nessa fase já madura da vida e da carreira, como alguém que vai falar a partir desse lugar *de si e das experiências de si* com coragem total, sem mais *filtros* nem receios de atingir ou chocar a poderosos e privilegiados.

Não que ela não tenha sido desde sempre, desde a sua primeira apresentação pública na TV, uma artista e uma personalidade autêntica, notável e bastante consciente sobre os efeitos nefastos do racismo e do machismo sobre a vida das mulheres pretas e periféricas. No entanto, até antes dessa sua fase - digamos assim, *mais exusíaca*, de *mulher do fim do mundo* - ela era comumente vista apenas como mais uma sambista do escol de Alcione, Dona Ivone Lara, Clementina de Jesus, Leci Brandão entre outras notáveis, ainda que diferenciada pela virtuosidade de sua voz rouca e sincopada.

Em suas músicas mais recentes, ela trata então de vários temas que nos fazem discutir também o racismo antinegro/a, o sexismo, a misoginia, a intolerância religiosa, além das mais diversas opressões, violências, injustiças e desigualdades sociais. Dentre essas músicas, *Exu nas Escolas* (2015) é - a despeito de não ter alcançado tanta repercussão - uma das que vem nos questionar sobre o que a escola tem feito, que histórias ela tem nos contado, que tipo de formação tem proporcionado aos/às filhos e às filhas dos/as brasileiros/as.

Entretanto, antes de eu começar a discutir um pouquinho da letra dessa música com vocês, eu não posso esquecer de que já comentei sobre a influência que o cristianismo exerceu na formação, na estruturação da racionalidade moderna ocidental, assim como na composição de nossa própria subjetividade.

Então, nesse mesmo cenário de formação subjetiva do ocidente, que nos forjou na condição existencial de individualidades supostamente autônomas e civilmente emancipadas, existe a constatação - a partir de uma pesquisa feita por psicólogos/as, eu acho que da universidade norte-americana de Harvard - de que quase 85% dos testes psicológicos realizados no mundo inteiro são ainda hoje destinados a indivíduos e grupos de sociedades capitalistas industriais desenvolvidas, modernas e urbanas, situadas no hemisfério norte do planeta (MAIO, 2017; BUENO; PEIXOTO, 2018).

A questão é que se verifica, no decorrer do século XX, especificamente a partir da escalada ou da veiculação em massa desse tipo de testagem ou avaliação psicológica, a impressão de um padrão ou de um gabarito cognitivo-comportamental completamente orientado à branquitude e aos modos de vida burgueses, precisamente a respeito do que se concebe, se percebe e se recebe como resultado ou resposta positiva, inteligente, saudável, adequada e criativa - ou não.

Portanto, quando esses mesmos testes são inconsideradamente respondidos por pessoas e grupos que não estão dentro do perfil ou da *situação cultural/civilizacional* padronizada pelo capitalismo *desenvolvido* (e pelos seus modos e comportamentos

branco-burgueses), positivam-se hierarquicamente desvios ou diferenças *a menos*. Os índices *mais expressivos* de tais diferenças ou *desvios*, especialmente por grupos sociais e raciais periféricos de ancestralidade negra, são então contrastados/catalogados como falsas evidências empíricas da superioridade branca (estabelecida de antemão como medida universal) ¹².

Desse modo, foi comum que a avaliação psicológica (comportamental e cognitiva) estivesse no mundo ocidental a serviço do racismo científico e de estado no curso de quase todo o século XX, sendo utilizada na estruturação e na atuação de regimes como o do *apartheid* e o da segregação racial civil nos Estados Unidos (especialmente durante a era Jim Crow, desde o final do século XIX até meados dos anos 1960).

Em outras palavras, a avaliação psicológica servia como fundamento manipulado e pseudocientífico para a efetivação de políticas e legislações racistas, *justificando* - com base em supostas evidências naturais, intelectuais, morais e genético-biológicas - a *necessidade* do reconhecimento social e político da hierarquia entre brancos/as (superiores) e negros/as (inferiores).

Isso nos confere as condições para pensar como esse *establishment* individualista da ética e da razão ocidentais segue na intimidade associado a uma cultura essencialmente forjada na perspectiva da acusação, da culpa, do isolamento e da redenção sistemáticas, por meio principalmente das salvaguardas e dos ancoradouros morais, religiosos e político-científicos da piedade, da absolvição cristã, do diagnóstico clínico e da indigitação jurídica e biológica dos fracassos e desajustes sociais. Tais são os critérios os quais, ainda hoje, condenam/punem ou absolvem/ promovem os indivíduos em meio a soluções como a da graça ou a dos favores paterno-estatais.

Tudo isso permitiu e tem permitido que estivéssemos até os dias de hoje em um estado generalizado de fragmentação social e espiritual e, conseqüentemente, de profundas desigualdades, angústia, disputa omnilateral, ansiedade e isolamento - com relação a nós mesmos/as, uns/umas aos/às outros/as e às nossas práticas de cuidado e manutenção da vida, então sufragada por valores e referenciais absolutamente dramáticos de egoísmo, pessimismo e redenção apocalíptica.

¹² BUENO; PEIXOTO (2018, p. 04) asseveram que: “certamente, o mau uso da avaliação psicológica e da testagem serviu de suporte a inúmeras injustiças sociais, não apenas no regime do *Apartheid*, como também ao longo da história americana, na qual o uso inadequado dessas ferramentas justificou o racismo e a hierarquia entre brancos e negros. Chamam a atenção as maneiras controversas como os testes eram administrados, com o objetivo claro de comparações entre os grupos étnicos e sociais e, por fim, a reafirmação de um grupo sobre os outros, conforme o enaltecimento da classe média branca norte-americana”.

Nota-se, então, que um dos maiores problemas da universalização dos testes psicológicos consiste na negação da diversidade cultural. E foi por isso que eu trouxe para essa discussão a problemática dos testes de quociente emocional e intelectual, aplicados, sobretudo, entre as décadas de 1950 e 1970, nos Estados Unidos e na Europa, e que vão exatamente contribuir para referendar e propagar os parâmetros racistas das políticas de estado e do cientificismo dos séculos XIX e XX.

Afinal, fazia-se necessário *comprovar*, a partir de dados manipulados e de resultados pseudocientíficos, a *inferioridade cognitivo-intelectual* e a *maior agressividade* das populações negras, dos pontos de vista psicológico, psiquiátrico, neurológico, mas também antropomorfológico, com base em parâmetros racistas da própria antropologia física ou biológica do período. Tudo isso como embasamento à distinção de dispositivos jurídicos, éticos e educacionais brancocêntricos, de autorização tácita à institucionalização das discriminações raciais e de clara convivência às mais diversas formas de violência racista.

Trata-se de um racismo respaldado, portanto, pelas ciências sociais, pela medicina, pela educação, pelas políticas e instituições do estado e pelas correntes ético-epistemológicas da época, principalmente entre a segunda metade do século XIX e a primeira do século XX: período durante o qual a desigualdade e a hierarquia entre as raças eram uma verdade praticamente incontestável, uniformemente validada e *constatada*. Trata-se de algo absolutamente vigente há até bem pouco tempo, menos de um século.

Certamente há mais notícia e conhecimento a respeito disso do que eu sei. Refiro-me ao fato de que a psicologia também tem a sua fatídica parcela de contribuição na consolidação desse racismo estrutural e insuportável vigente até hoje entre nós.

Novamente, diante da música da Elza Soares, há muito para se refletir. A música nos fala que Exu tem de estar nas escolas para subverter um pouco dessas concepções didáticas *baseadas em tabus e costumes frágeis*, de *crenças que nos limitam*, decorrentes das imposições de regras e valores da organização política e social herdada do colonialismo e do racismo hegemônico, sempre nos controlando, humilhando e diminuindo como povo *mestiço*, sem passado e *sem futuro*.

Então, nesse sentido, a letra dessa música da Elza Soares nos inquieta diante da facilidade que a escola tem em aderir *a essa ética de uma ótica presa inteiramente às ilusões*. Exu é chamado aqui para ir de encontro a essas ilusões, detonando *de boca em boca* as suas telas, rompendo *com o cacete* as suas grades, todas elas, *uma a uma*.

Não se deve esquecer que, sempre quando estivermos mal intencionados e intencionadas, Exu também pode fazer *a gente quebrar a cara*. No tocante então a essas *ilusões bem selecionadas*, a partir dessas *histórias de vencedores e dominadores*, é bom que a gente não se deixe levar, muito menos confundir.

Essas histórias que nos são repassadas na escola, que são coroadas, *têm o seu corolário nos próprios valores tradicionais cristãos* da bondade, da pureza, da ciência, da inocência e da piedade dos/as racistas de nossa sociedade. E nos fazem perguntar, de acordo com a letra da música, se até o próprio Cristo não seria um pouco mais crítico, com relação a tudo isso *que se passa e que se vê* (em branco) *em nossas escolas*.

Conclusão. Exu te ama! Fechando a Gira com o Amor (ou com o Fuá) de Exu

Podemos, então, concluir retomando as perguntas: Quem é Exu? Por que a música de Elza Soares sugere que Exu esteja conosco nas escolas? Qual seria esse lugar de Exu nas escolas? O que significa *tomar de volta a alcunha que foi roubada de um Deus iorubano*? Que crenças limitantes e ilusões bem selecionadas - projetadas por quem vence - prevalecem nas nossas escolas? Como Exu poderia ajudar a desvelar essas *crenças e ilusões*?

Exu também te ama. Ele tem muita fome. Então eu lhes perguntaria por último: *o que teríamos agora para dar de comer a Exu*?

Exu é o Senhor do Corpo, do *bará*. Tudo o que o Corpo pode *é Exu quem pode*, porque tudo o que vem *com o Corpo*, que é movimentado *pelo Corpo*, é iniciado por Exu. O que acontece é que, nas nossas sociedades ocidentais, o Corpo é domesticado, é traído, é drogado. Foi vendido, traficado e *separado da Cabeça*. Veja que atualmente, nos cultos neopentecostais, o Corpo fica até *possuído, endemoniado*. E acaba sendo alienado, entregue em garantia ao pagamento do dízimo.

Perceba que o Corpo dos/as africanos/as traficado para cá foi escravizado entre os séculos XVI e XIX, mas - num certo sentido - esse regime de trabalho, subtraído com a exploração escravista, foi e segue sendo capturado por uma lógica que atualmente ainda se reproduz como condição essencial ao capital, que é a da acumulação material primitiva a partir de fraudes, roubos, extorsões e todos os tipos de violência. A isso equivale dizer que, a despeito de quaisquer formas legais de *abolição*, o capitalismo em

sua fase financeira e tecnológica atual segue com esteio na mesma lógica racista, brutal e escravizadora.

Como consequência disso, todos/as nós, em diferentes medidas, temos o nosso Corpo alienado, escravizado por interesses, forças, regimes os quais - na verdade - nos são quase que inteiramente alheios, distantes ao coração, estranhos à consciência, divorciados da vontade, desconformes à liberdade e, por último, detratores da Vida. No capitalismo, enfim, nada do que é ideado pela mente, acalentado pelo peito e elaborado pelas mãos pertence a quem cria, *a quem ama* e a quem produz.

Exu, como eu procurei demonstrar, é subversivo a todas as *gloriosas promessas* e *boas intenções* dos salteadores do Corpo e de sua energia vital. Então, Ele vai lhe inspirar, no que você quiser e pretender, a *de maneira corajosa* assumir o controle do seu próprio Corpo, contra todas as forças que invistam na sua escravização. Ele vai lhe infundir o ímpeto e a decisão para resistir, subverter e se insurgir - com o seu próprio Corpo - contra tudo aquilo que lhe impede de ser livre, expulsando de si *o que não presta e deixando entrar o que é bom*.

Exu nos incita então a resguardar a Cabeça de todo o peso material e a viver - a partir das nossas experiências - com o nosso próprio Corpo, se descobrindo e se (re)inventando (infinitas vezes) nas inusitadas andanças do mundo.

Mas se, de repente, acharmos que as regras de uma formação universitária sólida ou que uma carreira socialmente conveniente, ou ainda um casamento vantajoso e uma religião soteriológica são mais importantes do que a oportunidade de se tornar um *esteta de si*, se acharmos que esses *scripts pequeno-burgueses* nos satisfazem e alimentam o suficiente, dando conta dos papéis todos que pretendemos aqui desempenhar no curso desse caminho sobre a terra, Exu então *não vai dizer nada*.

Exu não vai nem mexer com conosco, *não vai nem se mexer por nós*. Exu não vai ser nada para nós, *porque somos desinteressantes para Ele!* Para Ele, é como se o nosso Corpo *já estivesse morto*, porque vetado a toda e qualquer abertura de circulação, reinvenção e recomeço.

E não é que Exu acabe sendo aquilo a partir do que quero. É *a partir daquilo que tenho coragem para assumir e querer*. Veja que não é só *simplesmente querer*. De fato *temos que nos jogar, nos lançar com tudo*, sem medo de nos arrepender, de perder *ou isto ou aquilo* na demanda do que o nosso Corpo e a nossa Cabeça sabem querer.

Mas não nos enganemos, isso nos exige bastante, exige reinventar a prática e a própria ideia do que é ensinar e do que é aprender, a partir mesmo do que Paulo Freire

(2002) nos possibilitou compreender: que essa perspectiva do ensinar, como mera transmissão, não faria o menor sentido, por exemplo, nas sociedades tradicionais africanas. Isso porque não se tem simplesmente como repassar - de forma isenta e descompromissada - uma *informação*, qualquer que ela seja, mesmo que assim, tecnicamente subsidiada, pela necessidade apenas de *se aprender individualmente um procedimento*, ou conforme a habilitação egoísta e insensata ao exercício de um treino ou de um trabalho considerado útil.

Toda forma de transmissão do conhecimento nessas sociedades tradicionais consubstancia-se necessariamente em celebração da vida, em sentidas trocas rituais e de renovação ancestral. Então só se aprende por meio de um ritual *em que se dá de si e em que se recebe de volta em si*. Ensinar e aprender, para essas sociedades tradicionais africanas, é por isso uma atitude mágica, é um feitiço, uma manipulação energética, jamais uma transmissão indiferente, unilateral e inconsequente de dados ou informações.

Para que se aprenda tem de haver *presença e dedicação de toda a vida*, e tem de haver ainda a atuação disso *no Corpo*. *O resultado do que a Cabeça come se faz sentir no Corpo*. Não se trata, portanto, de algo que se realiza apenas privativamente com o intelecto, não é uma simples e inconsequente reflexão individual, é uma experiência à qual *o Corpo e a Cabeça têm de se integrar junto à comunidade*, na qual ambos - a Cabeça e o Corpo - têm que se dar, de se oferecer à comunidade e por ela ser tomados como alimento vivo.

Então, só existem efetivamente aprendizado e transformação, *em favor da vida, de seu equilíbrio e expansão*, a partir das celebrações de rituais, de cerimônias de passagem e de iniciação conjuntas, por meio das quais o indivíduo *só cresce* se a comunidade o acompanhar e vice-versa. Do que disso se segue, o ensino e a aprendizagem se dão primordialmente numa perspectiva oral e ritual, de deflagração mágica, de celebração conduzida pelos/as Mais Velhos/as e de imprescindível comemoração comunitária.

Só assim acontece a transmissão da sabedoria ancestral, mediante o compromisso de que seja mantido firmemente em expansão o elo que sustenta a Vida entre o *Orum* e o *Ayè*. Vejam que isso não se resume ao mero repasse e análise (separação, classificação) de *conteúdos em sala de aula*. A *educação do banco da escola* pode até proporcionar *algum conhecimento*, mas não necessariamente tem a ver com *sabedoria de vida* (FREIRE, 2002).

Geralmente, o conhecimento é somente uma pálida e fugaz imagem da sabedoria. No entanto, infelizmente, para a nossa concepção ocidental, ensinar reduz-se, cada vez mais, à mera aparência de *repassa de conteúdos, quase como numa operação contábil, de conferência de itens e mercadorias*, e isso provavelmente não muda em nada a vida de ninguém.

Por mais que se diga que, com os estudos, as informações que se busca e se acumula dos livros - e hoje, cada vez mais, da internet -, se tem *maior segurança* e se assume uma postura *mais crítica*, mais consciente diante da realidade, tudo isso de fato *não nos transforma por dentro*, não nos remexe em nada, não atua entre o Corpo e o *Ori* - que é a nossa cabeça ancestral -, não deflagra transformações que se operem de dentro a fora.

Na voz de Elza Soares, Exu reclama essa condição de reassumir a impulsão, o ímpeto de nossos Corpos e de nossas Cabeças, representando um consciente coletivo de pessoas que continuam sendo massacradas, mas que - vivazes - *não desistem nunca* e não deixam jamais de lutar *brava e criativamente* contra todas as formas de dominação e opressão sob as quais rotineiramente estão como alvos.

Por último, na Encruzilhada histórica de enfrentamento aos racismos e às dominações coloniais, procurar compreender as expressões próprias da ética ancestral africana, afro-indígena e afro-brasileira é tarefa que nos exige, para tudo, discutir a representação simbólica e viva de Exu - *Senhor e Mensageiro de todos os caminhos da humanidade*.

Na complexidade intercultural e multirreferencial de nossa sociedade - de caminhos e de trajetórias originalmente tão desiguais, de institucionais convergências políticas às injustiças, às violências e opressões racistas contra os povos pretos e indígenas - Exu nos ensina que compreender a Ancestralidade (africana, afro-indígena e afro-brasileira) implica em uma *radical atitude ética*.

Sem mais nos dissociar dos saberes e dos valores preservados pela *Vida em nossos Corpos*, *essa ética atitudinal* tem de conjugar - em uma mesma disposição - *encantamento e coragem total*. Ou ainda *o desafio da própria Vida, diante da alegre celebração do enfrentamento em não perdê-la mais* para o egoísmo e a alienação ocidentais.

Trata-se de uma tarefa ou atitude filosófica a qual, somente sob a inspiração exusíaca da *arte de si, do reinventar-se astutamente para sobreviver*, torna-se possível. Como distopia ontológica de sua própria complexidade e circularidade ancestral - para a

abertura da comunicação e do encantamento a propósito das negritudes e das africanidades em superação a todas as vilezas da colonialidade -, vimos então que *malandramente* Exu é Aquele que nos possibilita, *como quem ginga, como quem gira, já rodou e viu o mundo inteiro*, afirmar o *ser* como *não-ser* e o *não-ser* como *ser*, batizando-nos como capoeiristas que podem então dar pernada e dar rasteira no poderio dos senhores do grande domínio colonial.

Contra a horrenda colonização dos corpos, das mentes e dos espíritos, que nos converte em *caricaturas sofridas da burguesia e da branquitude*, Exu vem então confundir - sedutora, assustadoramente - no entrecruzamento complexo e extremamente injusto de nossa sociedade *a boa metafísica de todas as origens e de todos os costumes ocidentais*, vem subverter os preceitos de todas as certezas e moralidades do racismo hegemônico-universal.

Com as cusparadas do seu *marafó*, com as baforadas do seu charuto - em meio à diversidade *de tudo o que engole e de tudo o que envolve* (e devolve), *de tudo o que diz e de tudo o que escuta*, entre *tudo o que leva e tudo o que traz* - o Senhor das Encruzadas desfaz *agora* todas as certezas, debocha de todas as autoridades: as quais invariavelmente têm produzido a morte, a distensão e a separação modernas.

Contra o *império da razão e das verdades da ciência*, da culpa, da categorização e da acusação cristãs aí está Exu, *o Maioral*. Contra todas as convenções sociais burguesas, *safadas*, capitalistas, racistas, elitistas e patriarcais (genocidas), Exu *Tranca Rua* vem abrir passo à iniciação da ética da Ancestralidade africana, afro-indígena e afro-brasileira: como produção de saberes múltiplos a respeito da presença, dos territórios e da formação afro-indígena do Brasil e de seu povo.

A isso equivale assumir essa ética como agência viva de descolonização das relações institucionais e principalmente da educação de bases ocidentocêntricas. Para nós, as vantagens disso confluem no entendimento anti-hegemônico dos saberes que conectam a Ancestralidade à Cabeça ao Corpo ao Chão, tornando-nos imunes aos essencialismos universais e dogmáticos da filosofia e da ciência ocidentais modernas.

Por esses motivos todos, faz-se muito importante reconstruir e (re)habilitar esses saberes, valores e memórias ancestrais africanos, afro-indígenas e afro-brasileiros, conferindo-lhes voz e visibilidade - sobretudo a partir dos redesenhos epistemológicos das concepções e princípios práticos da ética: em bases decolonias anti-hegemônicas e antirracistas no Brasil.

Entendemos, por fim, que compreender melhor as raízes do pensamento de bases africanas, afro-indígenas e afro-brasileiras, a partir de seus encantamentos, de sua alacridade, de sua educação circular de tradição oral, ancestral e comunitária, pode nos tornar melhores e mais audazes contra a falsa autoridade dos poderosos, faz-nos mais despertados/as em optar por ouvir os/as mais velhos/as e marginalizados/as, ao invés de ceder aos tributos e privilégios de festejados autores e autoridades.

Afinal de contas, *a ética com Exu* nos remete à sabedoria coletiva - que compreende vários grupos, todos os tempos, diversas tradições, de abertura sensível às deliberações com *o povo da rua, nas Encruzilhadas por onde todas, todes, todos nós democrática e respeitosamente passamos.*

Referências bibliográficas:

AKINWUMI, Olantuji Samuel. Esu Elegbara in Youruba Mythology: a search for identity.

International Journal of Research and Analytical Reviews, Mumbai, v. 7, n. 2, p. 293-297, april-june, 2020.

BALANDIER, Georges. **A desordem**: elogio do movimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BALIEIRO, Cristina; KÜNSCH, Dimas A.; MENEZES, José E. de O.; LOBATO, Marcelo; MARTINEZ, Monica. A imagem arquetípica do psicopompo nas representações de Exu, Ganesha, Hermes e Toth. **REU**, Sorocaba, SP, v. 41, n. 2, p. 295 - 311, dezembro, 2015.

BUENO, José Maurício Haas; PEIXOTO, Evandro Morais. Avaliação psicológica no Brasil e no mundo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, São Paulo, v. 38, n.1, p. 108-121, 2018.

CASTIANO, José P. **Filosofia africana**: da sagacidade à intersubjectivação. Maputo: Educar, 2015.

CRAVO NETO, Mário. *Laroyè*. Salvador: Áries Editora, 2000.

DAMATTA, Roberto. Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. **Mana**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 7-29, 2000.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EdUFBA, 2008.

FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MAIO, Marcos Chor. A Crítica de Otto Klineberg aos testes de inteligência. O Brasil como laboratório racial. **Varia Historia**, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 135-161, 2017.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: Melusina, 2020.

MUNANGA, Kabengele. Algumas considerações sobre "raça", ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. **Revista Usp**, São Paulo, v. 78, n. 68, p. 46-57, 2006.

_____. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. São Paulo: Autêntica Editora, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

PEREIRA, F. V. M.; FERNANDES, E. Exu, Circularidade, Alacridade e Encruzilhada Ancestral, como pressupostos a um trabalho filosófico africano e afro-brasileiro. *In*: GOMES, A. dos S.; BARBOZA, E. H. L.; PAIVA, G. M. F. e; MELLO, I. M. de. (Orgs.). **Ensaio Interdisciplinares em Humanidades**. v. V. 1ª ed. Rio Grande/RS: Editora da FURG, 2022, v. 1, p. 159-181.

PEREIRA, F. V. M. As encruzilhadas da ancestralidade em Exu e a abertura de possibilidades à filosofia africana e afro-brasileira. *In*: MALOMALO, B.; FONSECA, D. J.; VIEIRA, F. S. DA S.. (Orgs.). **África múltipla - anotações e reflexões**. 1ª ed. Paris (França): Edilivre, 2019, v. 1, p. 187-206.

_____. Filosofia da ancestralidade e antirracismo: Exu como interpretação de práticas e significados na cultura africana e afro-brasileira. *In*: KUNZ, M. S.; DE ARAÚJO, O. L.; DE ALMEIDA, S. M. S. (Orgs.). **Literatura, Sociedade e Interdisciplinaridade: articulações literárias**. 1ª ed. Belo Horizonte/MG: Moinhos, 2019, v. 1, p. 39-56.

RUFINO, Luiz. Performances Afro-diaspóricas e Descolonialidade: o saber corporal a partir de Exu e suas encruzilhadas. **Antropolítica** - Revista Contemporânea de Antropologia, São Paulo, n. 40, 2016.

SILVA, Luan do Nascimento; BENTO, Fábio Régio; NOBRE, Fábio. Como a religião africana compreende a paz: uma proposta pós-colonial para a transformação social. **Conjuntura internacional**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 51-51, 2019.

SOARES, Emanuel Luís Roque. **As vinte e uma faces de Exu na filosofia afrodescendente da educação: imagens, discursos e narrativas**. 2008.188f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, CE, 2008.